



# Nietzsche e o Socialismo

Uma coletânea acerca do pensamento do filósofo

R. Medeiros, F. Nietzsche

# Nietzsche e o Socialismo

Autor: R. Medeiros, F. Nietzsche

Título: Nietzsche e o Socialismo: Uma coletânea acerca do pensamento do filósofo

Tradução: R. Medeiros

Editor: R. Medeiros

Edição: 1ª, 2020

Redes Sociais: @rdfmedeiros

Agradecimentos: Drª Neuza Mazzeo, Erick Trautvein Otoni

# Nietzsche e o Socialismo

Uma coletânea acerca do pensamento do filósofo

1ª Edição

R. Medeiros, F. Nietzsche

## Sumário

### Introdução

- 01.Três imagens do homem da época moderna
- 02.A incompatibilidade entre o gênio e o Estado ideal
- 03.Uma questão de poder, não de justiça
- 04.Justiza como chamariz de partidos
- 05.Propriedade e justiça
- 06.Socialismo em relação aos seus meios
- 07.Inveja e indolência em diferentes direções
- 08.Proprietários e revolucionários
- 09.Inimigos desejados
- 10.O que um estrangeiro disse
- 11.A propriedade pode ser reconciliada com a justiça?
- 12.Vitória da democracia
- 13.O último eco do cristianismo na moral
- 14.O Estado como produto dos anarquistas
- 15.A classe impossível
- 16.Deveres incondicionais
- 17.Do objetivo da ciência
- 18.Diferentes formas de insatisfação
- 19.Da ausência de estilo nobre
- 20.Até que ponto as coisas se tornarão mais “artísticas” na Europa
- 21.A causa sui
- 22.As nossas verdades
- 23.Cristão e anarquista
- 24.Se nos tornamos mais morais
- 25.O que aspirou o século XIX
- 26.Está chegando a hora
- 27.O conceito de “décadence”
- 28.O estado de corrupção
- 29.O socialismo
- 30.Europeus bons como somos
- 31.O evangelho
- 32.Uma ideia pueril
- 33.As formas mais ocultas da adoração do ideal-moral cristão

- [34.O socialista perfeito](#)
- [35.A origem dos valores morais](#)
- [36.Sou contra](#)
- [37.Os socialistas parecem ridículos](#)
- [38.O socialismo e o jesuitismo](#)
- [39.A expiação por todo pecado](#)
- [40.Individualismo, socialismo e anarquismo](#)
- [41.Visão geral do futuro europeu](#)
- [42.Uma imagem mais verdadeira do “homem”](#)
- [43.Meus cinco “nãos”](#)

## Introdução

Apesar de uma vasta coleção sobre política, Nietzsche como pensador político foi longamente negligenciado, sempre sendo exaltado seu pensamento acerca da moral e da religião, mas raramente seus pensamentos acerca da política. O filósofo britânico Keith Ansell-Pearson, em sua obra *Nietzsche Como Pensador Político: Uma Introdução*, expõe como o filósofo alemão foi ignorado no âmbito do pensamento político por muito tempo e como se deu o seu resgate durante a segunda metade do século XX.

“Durante grande parte deste século (XX), o pensamento político de Nietzsche foi uma fonte de constrangimento e perplexidade. O consenso que se manteve dominante por várias décadas, desde o fim da Segunda Guerra Mundial até bem recentemente, foi de que Nietzsche não era de modo algum um pensador político, mas alguém que se preocupava sobretudo com o destino do indivíduo isolado e solitário, muito distante das preocupações e relações do mundo social. Essa opinião foi típica daqueles que, como o seu conhecido tradutor e biógrafo Walter Kaufmann, tentaram resgatar os escritos de Nietzsche das deturpações que sofreram nas mãos dos ideólogos e propagandistas do nazismo. No entanto, o resultado foi uma interpretação desistoricizada e despolitizada, que impôs o obscurantismo a um aspecto-chave de Nietzsche: seu pensamento político.”

Nietzsche, ao longo de suas obras, discute desde a política da Grécia Antiga – O filósofo alemão era formado em filologia clássica, chegando posteriormente a lecionar, o que talvez explique seu amplo conhecimento e fascínio pela Antiguidade Clássica, em especial a grega – até a de seu tempo vivido (segunda metade do século XIX), escrevendo pensamentos firmes e por vezes áspers sobre a política de sua época; do antissemitismo, por exemplo, um tema em alta em sua época, o filósofo escreveu que seus adeptos eram canalhas, que os alemães de seu tempo cultivaram a demência antissemita e outras numerosas críticas. O nacionalismo, sempre condenado em suas obras, chegou a ser considerado um “castigo” pelo filósofo.

Um outro tema recorrente desde suas primeiras obras até suas últimas foi o socialismo, e ainda há um desconhecimento muito grande sobre o

pensamento de Nietzsche acerca deste assunto nos dias de hoje, mesmo dada a sua grande recorrência! Esta obra vem com a exata intenção de reunir o que ele escreveu sobre o tema, preencher esse vácuo de conhecimento no ideário popular e esclarecer seu pensamento.

Para evitar cair em um erro anacrônico, é importante ter o contexto histórico ao qual o filósofo estava inserido devidamente ilustrado.

Em 1864, quando Nietzsche estava perto de completar 20 anos, era fundada a Associação Internacional dos Trabalhadores, ou a Primeira Internacional, como ficou popularmente conhecida. Foi a primeira organização internacional de trabalhadores com um viés totalmente de esquerda: desde os anarquistas como Proudhon e Bakunin até os socialistas e comunistas como os owenistas e Karl Marx. Estas grandes figuras realizaram diversos congressos com debates por vezes acalorados – principalmente das desavenças entre os anarquistas e os socialistas – que resultariam na cisão completa entre os pretos (anarquistas) e os vermelhos (socialistas) e consequente dissolução da organização em 1876.

Por muito tempo, acreditou-se que, apesar de ser contemporâneo e conterrâneo de Marx, ambos nascidos na Prússia, Nietzsche não possuía conhecimento algum sobre Friedrich Engels, Karl Marx e o socialismo idealizado pelos dois por nunca haver mencionado nenhum deles em suas obras. De fato, as suas menções são referentes a outros socialistas, mas como o historiador sueco Thomas H. Bröbjer trouxe à tona com sua obra biográfica *Nietzsche's Philosophical Context: An Intellectual Biography*:

“Nietzsche nunca menciona Karl Marx ou Friedrich Engels, e geralmente assume-se que ele não possuía nenhum conhecimento sobre eles e seu tipo de pensamento e de socialismo. Entretanto, isso não é correto. Há referência a Marx em pelo menos onze livros, por nove diferentes autores, que Nietzsche lia ou possuía. Em seis deles, ele é debatido e citado extensivamente, e em um deles Nietzsche sublinhou o nome de Marx. Os nove autores que mencionam ou debatem Marx, cujas obras nós sabemos que Nietzsche possuía ou lia, são Jörg, Lange, Dühring, Meysenbug, Frantz, Schäffle, Frary, Bebel e Jacoby. Desses, os livros de Lange, Dühring, Frantz, Schäffle, Bebel e Jacoby contêm extensivas discussões e longas citações.”



Em 1869, Nietzsche começava o seu ofício como professor de filologia clássica na Universidade da Basileia, na Suíça. Em 1870, voluntariou-se como enfermeiro na guerra franco-prussiana por alguns meses, antes de retornar à sua universidade devido a problemas de saúde. Desta guerra aconteceria dois importantes desdobramentos de alto impacto na história europeia: com a vitória prussiana, o sentimento nacionalista foi aflorando entre os germânicos que se aliaram à Prússia, servindo para a criação do Império Alemão em 1871, unificando diversos reinos e grão-ducados em um só Estado-nação alemão. Com a derrota francesa na guerra, a instabilidade política se instaurou por lá, o Segundo Império Francês caiu, dando espaço à Terceira República Francesa e à Comuna de Paris.

A Comuna de Paris, ainda que breve, foi uma experiência que impactaria radicalmente os pensadores da época ao verem o primeiro experimento socialista popular sendo colocado em prática. Nietzsche não escapou, também teve seu pensamento acerca do socialismo influenciado pela Comuna de Paris, inclusive a citando ao longo de suas obras, como veremos mais adiante neste livro.

A primeira obra do filósofo aqui trazida, *Reflexões Extemporâneas* (*Unzeitgemässe Betrachtungen*) – por vezes traduzida como *Considerações Extemporâneas*, foi publicada em 1874, ou seja, entre a experiência da Comuna de Paris e o fim da Primeira Internacional.

Temendo um acontecimento similar à Comuna de Paris, o governo alemão, sob a liderança de Otto von Bismarck, aprovou as chamadas leis antissocialistas em 1878, que, após o imperador alemão Guilherme I sofrer duas tentativas de assassinato feitas por anarquistas, ganharam grande popularidade. Com estas leis, diversas restrições foram impostas sobre os socialistas, como, por exemplo, não poderem se reunir ou promover seus símbolos.

Sua segunda obra abordada neste livro, *Humano, Demasiado Humano* (*Menschliches, Allzumenschliches*), teve seu primeiro volume publicado originalmente também em 1878, ano do centenário da morte de Voltaire, a quem ele chamou de “um dos grandes libertadores do espírito” e dedicou o livro.

No ano seguinte, em 1879, Nietzsche deixou a Universidade da Basileia e passou a viver a vida como andarilho, sem residência fixa, viajando pela Europa. Os anos de 1880 foram anos de grande atividade, marcaram a ascensão do socialismo em todo o continente, consolidando-se cada vez mais como uma importante força política, levando operários a grandes marchas e protestos, como no caso do emblemático Domingo Sangrento de 1887 em Londres. Nesse mesmo período, Nietzsche completou a publicação de *Humano, Demasiado Humano* com a segunda parte do segundo volume em 1880, publicou *Aurora* (*Morgenröthe*) em 1881, *A Gaia Ciência* (*Die fröhliche Wissenschaft*) em 1882, *Além do Bem e do Mal* (*Jenseits von Gut und Böse*) em 1886 e *Crepúsculo dos Ídolos* (*Götzen-Dämmerung*) em 1888.

Seu último livro abordado nesta obra, *A Vontade de Poder* (*Der Wille zur Macht*), por vezes traduzido como *A Vontade de Potência*, é um livro póstumo, editado e publicado por sua irmã Elizabeth Förster-Nietzsche e seu amigo Peter Gast. O livro foi publicado inicialmente em 1901, um ano após sua morte, mas ganhou uma reedição em 1906, expandindo de quinhentos para mais de mil aforismos, todos escritos por Nietzsche nos anos de 1880. É importante notar que, embora tenha reunido diversos aforismos de Nietzsche, não necessariamente o filósofo alemão, se pudesse editar o livro, teria editado na mesma disposição, com o mesmo conteúdo ou até com o mesmo título.

Dado o contexto histórico, é-me dado a entender que um certo aviso também deva ser dado: ler Nietzsche certamente não é para mentes fracas, cada palavra do filósofo alemão soa como um martelo de tão poderosa, aqueles que possuem uma mente fraca e um pensamento dissonante sentirão cada palavra como um golpe ruindo os alicerces de sua crença. Aqueles que o lêem de mente aberta possui um alívio: é necessário o completo desmoronamento do velho edifício podre e comprometido para o surgimento de uma nova edificação sólida, firme e forte em seu lugar.

O que estiver abaixo da linha horizontal no fim dos seguintes aforismos são notas de tradução, com o objetivo de preservar o termo original ou introduzir a referência citada.

## 01. Três imagens do homem da época moderna

Reflexões Extemporâneas  
*Unzeitgemässe Betrachtungen*  
1874

### Capítulo III: Schopenhauer como educador

Existem três diferentes imagens do homem criadas uma após a outra pela nossa época moderna e que, sem dúvida, inspirarão os mortais a uma transfiguração de suas próprias vidas: são elas o homem de Rousseau, o homem de Goethe e o homem de Schopenhauer. Destas, a primeira imagem possui o maior fogo e, com certeza, produz o maior efeito popular; a segunda destina-se apenas a poucos, apenas às naturezas contemplativas em grande estilo, e é incompreendida pela multidão. A terceira demanda contemplação apenas dos homens mais ativos; somente eles podem considerá-la sem prejudicar a si mesmos, pois ela debilita o contemplativo e afugenta a multidão. Da primeira, emanou uma força que promoveu revoluções violentas e continua a fazê-lo; pois em todo terremoto e revolta **socialista** sempre foi o homem de Rousseau que, como Tifão sob o Etna, é a causa da comoção.

Oprimido e esmagado por classes altas arrogantes e riqueza impiedosa, arruinado por padres e má educação e tornado desprezível a si mesmo por costumes ridículos, o homem chora em sua angústia a “natureza santa” e de repente sente que está tão distante dele mesmo quanto de qualquer deus epicurista. Suas orações não o alcançam de tão profundamente ele se afundar no caos da falta de naturalidade. Desdenhosamente, dispe-se de toda a elegância vistosa que pouco tempo antes lhe parecera constituir o essencial de sua humanidade, suas artes e ciências, as vantagens de uma vida refinada; ele bate com seus punhos contra as paredes, onde a sombra ele degenerou, e exige luz, sol, floresta e montanha. E quando ele grita: “Apenas a natureza é boa, apenas o natural é humano”, ele despreza-se e deseja ir além de si mesmo: um estado de espírito em que a alma está pronta para decisões temerosas, mas que também evoca das profundezas o que é mais nobre e mais raro nele.

Jean-Jacques Rousseau (Genebra, 1712 – Ermenonville, 1778) – Filósofo, considerado um dos principais do iluminismo.

Johann Wolfgang von Goethe (Frankfurt, 1749 – Weimar, 1832) – Escritor, considerado um dos principais da literatura alemã e do Romantismo europeu.

Arthur Schopenhauer (Danzig, 1788 – Frankfurt, 1860) – Filósofo, principal obra: O mundo como vontade e representação.

Tifão – Gigante da mitologia grega responsável pelos ventos violentos.

Etna – Vulcão na Sicília onde, de acordo a mitologia grega, Tifão foi aprisionado. Diziam que Tifão causava as erupções do Etna.

## 02. A incompatibilidade entre o gênio e o Estado ideal

**Humano, Demasiado Humano: Um Livro Para Espíritos Livres**  
*Menschliches, Allzumenschliches: Ein Buch für freie Geister*  
1878

### Volume I

#### Capítulo 5. Sinais de cultura superior e inferior

Os **socialistas** desejam o bem-estar para o maior número possível de pessoas. Se a pátria duradoura desse bem-estar, o Estado perfeito, fosse realmente alcançada, esse bem-estar destruiria o solo do qual brota o grande intelecto e o indivíduo poderoso em geral: com isso quero dizer *a grande energia*. Se esse Estado fosse alcançado, a humanidade se tornaria muito fraca para ainda poder produzir o gênio. Portanto, não se deve desejar que a vida retenha seu caráter violento, e as forças e energias selvagens continuem sendo despertadas repetidamente?

O coração caloroso e compassivo desejará, é claro, justamente a abolição desse caráter selvagem e violento da vida, e o coração mais caloroso que se possa imaginar desejaria de forma ainda mais apaixonada: e, ainda assim, justamente essa paixão teria, no entanto, derivado seu fogo, seu calor, até sua própria existência daquele caráter selvagem e violento da vida; assim, o coração mais caloroso deseja a abolição de seu próprio fundamento, a destruição de si mesmo, ou seja, deseja algo ilógico, carece de inteligência.

A inteligência mais elevada e o coração mais caloroso não podem coexistir na mesma pessoa, e o sábio que realiza o julgamento sobre a vida também se coloca acima da bondade e a considera apenas como algo a ser levado em consideração juntamente com todo o resto na avaliação total da vida. O sábio precisa resistir a esses desejos extravagantes de bondade não inteligente, porque sua preocupação é a continuidade de sua categoria e a eventual criação do intelecto supremo; ele pelo menos se absterá de promover o fundamento do “Estado perfeito”, na medida em que apenas indivíduos debilitados podem ter algum lugar nele.

Cristo, ao contrário, a quem podemos pensar que possua o coração mais caloroso, promoveu a estupidificação do homem, colocou-se ao lado dos

pobres em espírito e retardou a produção do intelecto supremo: e nisso ele era consistente. Sua antítese, o sábio perfeito – esse pode aventurar-se a profetizar – necessariamente obstruirá a produção de um Cristo. – O Estado é uma instituição prudente para a proteção dos indivíduos: se for completado e aperfeiçoado demais, acabará por enfraquecer o indivíduo e, de fato, dissolvê-lo – ou seja, frustrar o objetivo original do Estado da maneira mais completa possível.

### 03. Uma questão de poder, não de justiça

**Humano, Demasiado Humano: Um Livro Para Espíritos Livres**  
*Menschliches, Allzumenschliches: Ein Buch für freie Geister*  
1878

#### Volume I

#### Capítulo 8. Um olhar acerca do Estado

Para os homens que sempre mantêm em vista a maior utilidade de algo, o **socialismo**, assumindo que seja realmente a rebelião daqueles que foram oprimidos e subjugados por milênios pelos seus opressores, não representa um problema de justiça, de direitos (com sua fraca e absurda pergunta: “até onde devemos ceder a suas demandas?”), mas sim um problema de poder (“até que ponto podemos explorar suas demandas?”); a situação é a mesma com uma força da natureza, o vapor, por exemplo, que é acionado pelo homem para servi-lo, como um deus da máquina ou, se a máquina está com defeito, ou seja, o defeito está no cálculo humano em sua construção, despedaça-a, juntamente com o homem. Para resolver essa questão de poder, é preciso saber quão forte é o **socialismo**, com qual modificação **ele** ainda pode ser empregado como uma poderosa alavanca no jogo atual de forças políticas; sob certas circunstâncias, seria necessário fazer todo o possível para fortalecê-lo.

Sempre que exista uma grande força, por mais perigosa que seja, a humanidade deve pensar em como torná-la um instrumento para a realização de seus objetivos. – O **socialismo** só adquirirá direitos se a guerra parecer iminente entre os dois poderes, dos representantes do antigo e do novo, mas o cálculo prudente da possível vantagem e conservação suscitará o desejo de ambas as partes por um pacto. Sem um pacto, sem direitos. Até agora, no entanto, não houve guerra no referido domínio, nem pacto e, portanto, nenhum direito, nem “dever”.

## 04. Justiça como chamariz de partidos

**Humano, Demasiado Humano: Um Livro Para Espíritos Livres**  
*Menschliches, Allzumenschliches: Ein Buch für freie Geister*  
1878

### Volume I

#### Capítulo 8. Um olhar acerca do Estado

Representantes nobres (embora não particularmente perspicazes) da classe dominante podem prometer por todos os meios: “tratemos os homens como iguais, concedemos a eles direitos iguais”. Nessa medida, é possível um modo de pensar **socialista** baseado na justiça; mas, como mencionado, apenas dentro da classe dominante, que neste caso pratica a justiça com sacrifícios e renúncias. Por outro lado, exigir igualdade de direitos, como fazem os socialistas da casta de subjugados, nunca é uma emanção da justiça, mas da ganância. – Se alguém segura pedaços de carne sangrando para um animal e os retira até que finalmente rujam: vós achais que esse rugido tem alguma coisa a ver com justiça?



## 05. Propriedade e justiça

**Humano, Demasiado Humano: Um Livro Para Espíritos Livres**  
*Menschliches, Allzumenschliches: Ein Buch für freie Geister*  
1878

### Volume I

#### Capítulo 8. Um olhar acerca do Estado

Quando os **socialistas** mostram que a divisão da propriedade entre a humanidade atual é o resultado de inúmeros atos de injustiça e violência, e, em suma, repudiam qualquer obrigação em relação a algo que possui uma base tão injusta, **eles** estão vendo apenas um aspecto da questão. Todo o passado da cultura antiga foi erguido sobre violência, escravidão, engano, erro; mas nós, os herdeiros de todas essas coisas passadas, não podemos decretar nossa própria abolição e não podemos desejar uma única parte dela. A disposição para a injustiça também habita as almas dos não-possuidores; eles não são melhores que os possuidores e não têm prerrogativa moral sobre eles, pois seus próprios ancestrais já foram, em algum momento, possuidores. O que é necessário não é uma redistribuição forçada, mas uma transformação gradual da mente: o senso de justiça deve fortificar-se em todos, o instinto de violência enfraquecer.

## 06. Socialismo em relação aos seus meios

**Humano, Demasiado Humano: Um Livro Para Espíritos Livres**  
*Menschliches, Allzumenschliches: Ein Buch für freie Geister*  
1878

### Volume I

#### Capítulo 8. Um olhar acerca do Estado

O **socialismo** é o fantasioso irmão mais novo do quase extinto despotismo, cujo herdeiro ele quer ser; seus empreendimentos são, portanto, no sentido mais profundo, reacionários. Pois ele deseja uma abundância de poder estatal como apenas o despotismo já teve; de fato, supera todos os despotismos do passado, na medida em que aspira expressamente a aniquilação do indivíduo, que lhe parece um luxo não autorizado da natureza, destinado a ser transformado em um órgão útil da comunidade. Por causa de sua estreita afinidade com elas, o **socialismo** sempre aparece na proximidade de todas as manifestações excessivas de poder, como fez o velho, típico **socialista** Platão na corte do tirano siciliano; o **socialismo** deseja (e às vezes promove) o Estado despótico cesariano do século atual porque, como mencionado acima, gostaria de ser seu herdeiro.

Mas mesmo essa herança seria inadequada para seus propósitos: o **socialismo** requer uma subserviência mais completa do cidadão ao Estado absoluto como nunca houve igual; e já que **ele** não pode mais contar com a antiga piedade religiosa em relação ao Estado, mas sim, involuntariamente, trabalhar incessantemente pela sua abolição – porque trabalha pela abolição de todos os Estados existentes – o próprio **socialismo** pode esperar existir apenas por breves períodos aqui e ali, e somente através do exercício do mais extremo terrorismo.

Por essa razão, **ele** está secretamente se preparando para governar através do medo e está dirigindo a palavra “justiça” para as cabeças das massas semieducadas como um prego, a fim de roubar-lhes a razão (depois que essa razão já sofreu muito com exposição à semieducação) e criar neles uma boa consciência para o jogo maligno que devem jogar. – O **socialismo** pode servir para ensinar, de uma maneira verdadeiramente brutal e impressionante, que perigo existe em todas as acumulações de poder do

Estado e, nessa medida, implantar desconfiança no próprio Estado. Quando sua voz áspera toma a palavra de ordem “o máximo de Estado possível”, ela inicialmente soa mais barulhenta do que nunca: mas logo o grito oposto aparece com força ainda maior: “o mínimo de Estado possível”.

Platão na corte do tirano siciliano – Referência a Platão em Siracusa.

## 07. Inveja e indolência em diferentes direções

**Humano, Demasiado Humano: Um Livro Para Espíritos Livres**  
*Menschliches, Allzumenschliches: Ein Buch für freie Geister*  
1878

### Volume I

#### Capítulo 8. Um olhar acerca do Estado

Os dois partidos opostos, o **socialista** e o nacionalista – ou quaisquer que sejam seus nomes nos diversos países da Europa – são dignos um do outro: inveja e preguiça são as forças que os movem. No acampamento do **primeiro**, eles querem trabalhar o mínimo possível com as mãos; no do segundo, o mínimo possível com a cabeça; no último, odeiam e invejam os indivíduos proeminentes, autoevoluídos e que não desejam deixar-se alistar nas fileiras para a produção de uma ação de massa; no **primeiro**, a melhor e mais privilegiada casta da sociedade, cuja tarefa real, a produção de valores culturais superiores, torna sua vida interior muito mais difícil e mais dolorosa.

Com certeza, se os nacionalistas conseguissem impor o espírito do efeito de massa às classes mais altas da sociedade, as hordas **socialistas** teriam muita justificativa em procurar nivelá-las consigo mesmas também externamente, uma vez que já estariam niveladas um ao outro na cabeça e no coração. – Vivam como homens superiores e realizem perpetuamente os feitos da cultura superior – tudo o que vive nela admite o seu direito, e a ordem da sociedade em que você está no topo será a prova de todos os olhos e garras malignos!

## 08. Proprietários e revolucionários

**Humano, Demasiado Humano: Um Livro Para Espíritos Livres**  
*Menschliches, Allzumenschliches: Ein Buch für freie Geister*  
1878

### Volume II

#### Parte 1. Opiniões e máximas variadas

A única arma contra o **socialismo** que vocês ainda possuem a seu dispor é não desafiá-lo: isso é, viver modesta e moderadamente, tanto quanto consigam impedir a exibição pública de extravagância e apoiar o Estado quando ele impor impostos pesados em todos os supérfluos e coisas que lembrem luxuosidade. Vocês não se sentem dispostos a empregar essa arma? Nesse caso, vocês, burgueses ricos que se autodenominam “liberais”, admitem para si que são os desejos de seu próprio coração o que vocês acham tão assustadores e ameaçadores nos **socialistas**, embora considerem os desejos inevitáveis em si, como se fossem algo diferente.

Se, do jeito que são agora, vocês não possuíssem sua propriedade e não se preocupassem em preservá-la, esses seus desejos fariam de vocês **socialistas**: a posse da propriedade é a única coisa que os distingue deles. Vocês devem primeiro conquistar a si mesmos caso queiram algum tipo de vitória sobre os inimigos de sua riqueza. – E se ao menos essa riqueza fosse um bem-estar verdadeiro! Ela seria menos externa e despertaria menos inveja, seria mais partilhadora, mais benevolente, mais atenta às exigências de equidade, mais disposta a ajudar.

Mas o que é inautêntico e histriônico em seus prazeres, que derivam mais de um senso de contraste (que outros não os têm e invejam vocês) do que de um sentimento de realização e aprimoramento de seus poderes – suas casas, roupas, carruagens, vitrines, exigências gustativas, seu ruidoso entusiasmo pela música e pela ópera, e enfim suas mulheres, formadas e moldadas, mas em metal comum, douradas mas sem o som do ouro, escolhidas por vocês como objetos de ostentação, oferecendo-se como objetos de ostentação: – estes são os venenosos propagadores dessa doença popular que, como sarna **socialista**, agora está se espalhando cada vez mais rápido entre as massas, mas tem sua sede e incubadora primária em vocês. E

quem poderia deter essa peste agora?

## 09. Inimigos desejados

**Humano, Demasiado Humano: Um Livro Para Espíritos Livres**  
*Menschliches, Allzumenschliches: Ein Buch für freie Geister*  
1878

### Volume II

#### Parte 1. Opiniões e máximas variadas

Os movimentos **socialistas** são agora mais bem-vindos do que temidos pelos governos dinásticos, pois através **deles**, os governos podem pôr em suas mãos o direito e as armas para tomar as *medidas excepcionais* com as quais são capazes de atacar as figuras que realmente os preenchem com terror, os democratas e antidinastas. – Por tudo que esses governos odeiam publicamente, agora eles possuem uma inclinação e afinidade secreta: eles são obrigados a ocultar a própria alma.

## 10. O que um estrangeiro disse

**Humano, Demasiado Humano: Um Livro Para Espíritos Livres**  
*Menschliches, Allzumenschliches: Ein Buch für freie Geister*  
1878

### Volume II

#### Parte 1. Opiniões e máximas variadas

Um estrangeiro, viajando pela Alemanha, tanto ofendia quanto agradava com certas coisas que dizia, de acordo com onde estava quando as dizia. Todos os suábios com inteligência – ele costumava dizer – são sedutores. – Os outros suábios, no entanto, ainda pensavam que Uhland havia sido poeta e Goethe havia sido imoral.

A melhor coisa sobre os agora tão elogiados romances alemães é que você não precisava lê-los: já os conhecia. – O berlinense parecia mais bem-humorado do que o alemão do Sul, pois gostava muito de uma piada e, portanto, podia ouvir uma contra si mesmo: o mesmo não acontecia com o alemão do Sul. – As mentes dos alemães estavam sendo reprimidas pela cerveja e pelos jornais: ele recomendou chá e panfletos, como uma cura, é claro.

Ele aconselhou dar uma olhada em como as várias nações da envelhecida Europa tinham um talento especial para exibir uma qualidade particular da velhice, para o desfrute dos que estavam sentados diante deste grande palco: quão bem os franceses representavam a prudência e a amabilidade dos idosos, os ingleses representavam sua experiência e contenção, os italianos sua inocência e ingenuidade. Era provável que as outras máscaras da velhice não fossem representadas? Onde estava o velho arrogante? O velho tirânico? O velho avarento?

As regiões mais perigosas da Alemanha eram a Saxônia e a Turíngia: em nenhum outro lugar havia mais atividade intelectual e conhecimento da natureza humana, juntamente com o espírito livre, e, no entanto, tudo era tão modestamente oculto pelo dialeto feio da população e sua zelosa solicitude, que mal se nota estar lidando ali com os principais sargentos intelectuais da Alemanha e seus instrutores no bem e no mal.



A arrogância dos alemães do Norte era mantida dentro dos limites por sua inclinação à obediência, e a dos alemães do Sul por sua inclinação à indolência. – Pareceu-lhe que os homens alemães tinham em suas mulheres donas de casa ineptas, mas muito autoconfiantes: elas persistentemente falavam tão bem de si que haviam convencido quase todo mundo da existência de uma virtude peculiar da dona de casa alemã.

Quando a conversa se voltou para a política interna e externa da Alemanha, ele estava acostumado a relatar – ou, como ele dizia, a divulgar – que o maior estadista da Alemanha não acreditava em grandes estadistas. – Ele considerava o futuro dos alemães ameaçado e ameaçador: pois haviam se esquecido de como se divertir (o que os italianos entendiam muito bem), mas através do grande jogo de azar das guerras e das revoluções dinásticas se acostumaram à emoção; conseqüentemente, eles teriam uma revolta um dia. Pois essa era a mais forte emoção que um povo poderia obter por si mesmo. – A razão pela qual o **socialista** alemão era o mais perigoso era que **ele** não era movido por nenhuma necessidade definida; **ele** sofria por não saber o que queria; assim, mesmo que conseguisse muita coisa, **ele** iria definhando do desejo, mesmo em meio à abundância, assim como Fausto, embora provavelmente como um Fausto bastante plebeu. “Pois Bismarck expulsou o culto ao Demônio-Fausto dos alemães, o demônio que tanto os atormentava”, ele exclamou: “mas agora o Demônio entrou nos porcos e está pior do que nunca!”.

Ludwig Uhland (Tübingen, 1787 – Tübingen, 1862) – Poeta alemão, autor do poema Ich hatt’ einen Kameraden (eu tive um camarada).

Fausto – Lenda alemã sobre um homem que fez pacto com o diabo, aparece também em uma famosa peça teatral de Goethe.

Otto von Bismarck (Schönhausen, 1815 – Aumühle, 1898) – Estadista alemão responsável pela unificação da Alemanha em 1871.

## 11. A propriedade pode ser reconciliada com a justiça?

**Humano, Demasiado Humano: Um Livro Para Espíritos Livres**  
*Menschliches, Allzumenschliches: Ein Buch für freie Geister*  
1878

### Volume II

#### Parte 2. O andarilho e sua sombra

Se existe uma forte sensação de que a posse de propriedade é injusta – e o ponteiro do grande relógio voltou a esse ponto – são propostas duas maneiras de remediar a situação: em primeiro lugar, uma distribuição igual, e, em segundo, a abolição de propriedade e sua reversão para a comunidade. O último remédio é especialmente amado por nossos **socialistas**, que guardam rancor contra aquele judeu da Antiguidade por dizer: *não roubarás*. Na opinião **deles**, o sétimo mandamento deveria ser: *não possuirás*.

Tentativas da primeira receita foram feitas na Antiguidade com frequência, sempre em pequena escala, é verdade, mas com uma falta de sucesso da qual também pode ser instrutiva para nós. “Distribuição igualitária de terra” é fácil de dizer, mas quanta amargura é produzida pelas divisões e separações necessárias, pela perda de propriedades antigas e valiosas, quanta reverência é ferida e sacrificada!

Desenterra-se a moralidade quando se desenterra as pedras divisórias. E quanta amargura a mais entre os novos proprietários, quanta inveja e cobiça, uma vez que duas parcelas de terra nunca foram verdadeiramente iguais, e mesmo se isso fosse possível, a inveja humana ao próximo ainda não acreditaria em sua igualdade.

E por quanto tempo essa igualdade insalubre e envenenada pelas raízes permanece? Dentro de algumas gerações, a herança teria aqui dividido um lote entre cinco pessoas, e ali teriam sido cinco lotes para uma pessoa; e se leis severas da herança evitassem tais arranjos impróprios, ainda haveria uma parcela igual de terra, com certeza, mas ao mesmo tempo uma abundância de pessoas necessitadas e descontentes que nada possuiriam, exceto sentimentos de inveja em relação a seus vizinhos e relações e um desejo de que todas as coisas fossem derrubadas.

No entanto, caso deseje-se seguir a segunda receita e restaurar a propriedade da comunidade, com o indivíduo apenas como um inquilino temporário, então destruir-se-ia a terra. Pois por aquilo que ele possui apenas de passagem, o homem não se importa ou se sacrifica, ele apenas o explora como um ladrão ou um esbanjador negligente.

Quando Platão opina que, com a abolição da propriedade, o egoísmo também será abolido, a resposta a ele é que, no caso do homem, de qualquer forma, a partida do egoísmo também significaria a partida das quatro virtudes cardeais – pois deve ser dito que a peste mais poderosa não poderia causar tanto dano à humanidade como lhe seria causado se sua vaidade desaparecesse. Sem vaidade e egoísmo – quais são as virtudes humanas? O que não quer dizer que se pretende, sequer remotamente, sugerir que sejam apenas nomes e máscaras de tais virtudes. O refrão básico e utópico de Platão, cantado em nossos dias pelos **socialistas**, repousa sobre um conhecimento falho do homem: ele não possuía uma história dos sentimentos morais, uma compreensão da origem das qualidades boas e úteis da alma humana. Como toda a Antiguidade, ele acreditava no bem e no mal como no preto e no branco: assim, em uma diferença radical entre homens bons e maus, boas e más qualidades.

Para que, a partir de agora, a propriedade inspire mais confiança e torne-se mais moral, devemos manter abertos todos os caminhos para o acúmulo de pequena riqueza através do trabalho, mas impedir o enriquecimento repentino e sem esforço; devemos remover das mãos de indivíduos e empresas privadas todos os ramos do comércio e transporte favoráveis ao acúmulo de grandes riquezas, principalmente o comércio de dinheiro – e considerar aqueles que possuem demais um grande perigo para a sociedade, assim como aqueles que não possuem nada.

## 12. Vitória da democracia

**Humano, Demasiado Humano: Um Livro Para Espíritos Livres**  
*Menschliches, Allzumenschliches: Ein Buch für freie Geister*  
1878

### Volume II

#### Parte 2. O andarilho e sua sombra

Hoje em dia todos os poderes políticos buscam explorar o medo do **socialismo** para se fortalecerem. Mas, a longo prazo, só a democracia tira vantagem disso: pois atualmente todos os partidos são obrigados a lisonjear o “povo” e a conceder-lhe facilidades e liberdades de todo tipo pelas quais, no final, se tornará onipotente. Como o **socialismo** é uma doutrina em que a aquisição da propriedade privada deve ser abolida, o povo está tão alienado **dele** quanto poderia estar: e uma vez que eles tenham o poder da tributação em suas mãos através de suas grandes maiorias no parlamento, eles atacam os capitalistas, os comerciantes e os príncipes do setor financeiro com um imposto progressivo e, lentamente, criarão de fato uma classe média que estará em posição de esquecer o **socialismo** assim como se esquece uma doença da qual se recuperou.

O resultado prático dessa expansão da democracia será, antes de tudo, uma liga europeia de nações, dentro da qual cada nação, delimitada de acordo com a aptidão geográfica, possuirá o status e os direitos de um cantão: nesse processo, as lembranças históricas das antigas nações serão de pouca importância, uma vez que o senso de reverência por essas coisas será, de forma gradual, totalmente arrancado pela dominação do princípio democrático, que tem sede de inovações e possui ganância por experimentos. As correções das fronteiras que se revelarem necessárias serão executadas de modo a servir os interesses dos grandes cantões e, ao mesmo tempo, os de toda a união, mas não para honrar a memória de um passado envelhecido.

A tarefa de descobrir os critérios sob os quais essas correções de fronteira devem ser feitas dependerá de futuros diplomatas, que deverão ser ao mesmo tempo estudiosos da cultura, agrônomos e especialistas em comunicação e que terão por trás deles, não exércitos, mas sim perguntas e argumentos utilitários. Só então a política exterior será inseparavelmente

ligada à política interna: enquanto agora a última ainda precisa correr atrás de seu orgulhoso mestre e reunir em uma cestinha miserável o resto que foi deixado para trás após a política exterior ter colhido toda sua safra.

### 13. O último eco do cristianismo na moral

Aurora. Pensamentos sobre preconceitos morais  
*Morgenröthe. Gedanken über die moralischen Vorurtheile*  
1881

#### Livro II

“On n'est bon que par la pitié: il faut donc qu'il y ait quelque pitié dans tous nos sentiments” – esse é o som da moral nos dias de hoje. E de onde vem? Aquele cuja as ações são agradáveis, desinteressadas, de interesse comum e afáveis é agora sentido como prototipicamente moral – esse talvez seja o efeito mais geral e a mudança mais difundida na Europa pelo cristianismo: embora isso não tenha sido sua intenção nem sua doutrina.

Mas foi o resíduo, o que restou da mentalidade cristã, já que a crença fundamental extremamente antiética e estritamente egoísta na “única coisa necessária”, na suprema importância da salvação eterna e pessoal, juntamente com os dogmas sobre os quais repousava, gradualmente retrocediam e em seu lugar foi empurrada a crença acessória no “amor”, no “amor ao próximo”, harmonizando-se com as monstruosas práticas da caridade eclesiástica.

Quanto mais alguém se desassociava desses dogmas, mais buscava, por assim dizer, a justificativa para essa desassociação em um culto de amor à humanidade: não ficar atrás do ideal cristão nesse assunto, mas superá-lo sempre que possível era um estímulo secreto de todos os pensadores livres franceses, de Voltaire a Auguste Comte: e com sua famosa fórmula moral, “*vivre pour autrui*” (viver para os outros), essa última de fato superou a cristandade cristã.

Em solo alemão, foi Schopenhauer, no inglês John Stuart Mill, que tornou mais famoso o ensino de sentimentos simpáticos e de compaixão, ou a utilidade para os outros, como princípio de ação: mas eles próprios eram apenas um eco – com uma poderosa força germinativa, essas doutrinas estavam surgindo em todos os lugares, tanto nas formas mais refinadas quanto nas mais cruéis, desde a época da Revolução Francesa, e todos os sistemas **socialistas**, como que involuntariamente, enraizaram-se no terreno comum dessas doutrinas.

Hoje, talvez não haja preconceito mais firmemente mantido do que este: que se saiba o que realmente constitui a moral.

Hoje em dia, parece bom para cada pessoa ouvir que a sociedade está no caminho de adaptar o indivíduo às necessidades da multidão e que a felicidade do indivíduo e seu sacrifício consistem em sentir-se um membro útil e uma ferramenta do todo: mas, no momento, ainda há muito a dizer sobre onde esse todo pode ser encontrado, seja em uma ordem estabelecida ou em uma que deva ser fundada, em um Estado-nação, ou em uma fraternidade dos povos, ou ainda em pequenas comunidades econômicas novas.

Sobre esse assunto, atualmente há muita reflexão, dúvida, luta, muita agitação e paixão, mas maravilhosa e agradável aos ouvidos é a harmonia singular que reina na exigência de que o ego se negue a ponto de, sob o pretexto de se adaptar ao todo, recupere seu sólido círculo de direitos e deveres – a ponto de se tornar qualquer coisa completamente nova e diferente.

O que se quer – admita-se ou não – é nada menos que uma completa transformação, na verdade um enfraquecimento e cancelamento do indivíduo: nunca se cansa de enumerar e acusar tudo o que é mau e malicioso, pródigo, dispendioso e extravagante na forma anterior da existência individual; espera-se administrar de forma mais equilibrada, mais segura, mais uniforme e mais central, se restarem apenas grandes corpos e seus membros.

Tudo o que de alguma forma apoie tanto esse instinto de formar corpos e membros quanto seus instintos auxiliares é considerado bom, essa é a corrente moral básica de nossa era; simpatia e sentimento social aqui andam de mãos dadas. (Kant permanece fora desse movimento: ele ensina enfaticamente que devemos ser insensíveis ao sofrimento dos outros se nossa benevolência tiver algum valor moral – que Schopenhauer, altamente indignado como se pode imaginar, chama de insanidade de kantiana).

“On n'est bon que par la pitié: il faut donc qu'il y ait quelque pitié dans tous nos sentiments” – Do francês, “só somos bons com piedade: não importa que haja piedade em todos os nossos sentimentos”.

Voltaire (Paris, 1694 – Paris, 1778) – Filósofo, considerado um dos principais pensadores do Iluminismo.

Auguste Comte (Montpellier, 1798 – Paris, 1857) – Filósofo, criador da doutrina do Positivismo.

John Stuart Mill (Londres, 1806 – Avignon, 1873) – Filósofo e economista, considerado um dos mais importantes pensadores do liberalismo clássico.

Immanuel Kant (Königsberg, 1724 – Königsberg, 1804) – Filósofo, considerado um dos principais pensadores sobre epistemologia e racionalismo.



## 14. O Estado como produto dos anarquistas

Aurora. Pensamentos sobre preconceitos morais  
*Morgenröthe. Gedanken über die moralischen Vorurtheile*  
1881

### Livro III

Em terras onde as pessoas são disciplinadas, ainda existem muitas pessoas que se afastam, que não são disciplinadas e são confusas: por agora, elas estão se reunindo nos campos **socialistas** mais do que em qualquer outro lugar. Caso aconteça de um dia elas ditarem as leis, então você pode apostar que elas se colocarão em correntes de ferro e exercerão uma disciplina terrível – elas se conhecem! E elas suportarão essas leis, conscientes de que elas, e somente elas, as promulgaram – o sentimento de poder, e desse poder, é recente e sedutor demais para que não sofram tudo por amor a ele.

## 15. A classe impossível

**Aurora. Pensamentos sobre preconceitos morais**  
*Morgenröthe. Gedanken über die moralischen Vorurtheile*  
1881

### Livro III

Pobre, alegre e independente! Essas qualidades podem existir lado a lado; pobre, alegre e escravo! Essas também podem coexistir – e não consigo pensar em melhores notícias para os operários em escravidão fabril de hoje em dia: desde que não sintam que é uma vergonha ser usado do jeito como ocorre, como um parafuso na máquina e, por assim dizer, um tapa-buraco na inventividade humana.

Raios! Acreditar que um salário mais alto poderia tirar deles a essência de sua miséria, com a sua escravidão impessoal! Raios! Deixar-se convencer a acreditar que, através do aumento dessa impessoalidade nas engrenagens de uma nova sociedade, a desgraça do escravo pudesse se transformar em virtude! Raios! Estabelecer um preço para si mesmo, pelo qual a pessoa se tornará não mais uma pessoa, mas apenas uma engrenagem! Vocês são coconspiradores na atual loucura que varre as nações e querem, acima de tudo, produzir o máximo possível e ser o mais rico possível?

Sua preocupação deve ser a de lhes prestar um contraponto: que vastas somas de valor interior genuíno estão sendo desperdiçadas em um objetivo exterior tão superficial! Onde está o seu valor interior se vocês não sabem mais o que significa respirar livremente? Se vocês mal controlam a si mesmos? Se vocês estão cansados de si próprio, como uma bebida que perdeu o seu frescor? Se vocês assistem ao jornal e espiam o seu vizinho rico, gananciosos com a rápida ascensão e decadência do poder, do dinheiro e das opiniões? Se vocês não têm mais fé em uma filosofia que veste trapos e na sinceridade daqueles que vivem modestamente? Se a pobreza voluntária e idílica e a liberdade de profissão e casamento, que se adequariam muito bem ao mais intelectual dentre vocês, tornaram-se motivo de chacota?

Em compensação, a flauta **socialista** dos apanhadores de ratos ressoa-lhes sempre aos ouvidos, com todas as esperanças loucas, que determinam

que vocês estejam preparados e nada mais, preparados a qualquer momento, de modo que vocês estejam conectados e esperando algo exterior, sem cessar, vivendo de resto da mesma maneira que antes – até que essa espera transforme-se em fome e sede, em febre e loucura e, finalmente, o dia da “besta triunfante” erga-se em toda a sua glória! – Em vez disso, todos deveriam pensar consigo mesmo: “Melhor emigrar, procurar me tornar senhor em partes selvagens e frescas do mundo e, acima de tudo, senhor de mim mesmo: seguir em frente de um lugar para outro assim que qualquer sinal de escravidão ainda me apareça: não evitar aventuras e guerras e, se o pior acontecer, estar pronto para a morte: apenas não mais dessa servidão indecente, para que eu não cresça azedo, venenoso e conspirador!”.

Esta seria a convicção correta: os operários da Europa no futuro deveriam declarar eles próprios como classe uma impossibilidade humana e não como uma construção brutal e inadequada, como acontece na maioria das vezes; eles deveriam precipitar uma época de grande enxame para fora da colmeia europeia, como nunca foi vista antes e, através dessa liberdade de estabelecimento em grande estilo, protestar contra a máquina, contra o capital e contra a ameaçadora escolha alternativa dos dias de hoje: precisar escolher entre tornar-se escravo do Estado ou escravo de um partido revolucionário. Que a Europa seja libertada de um quarto de seus habitantes! Isso traria alívio para ela e para eles!

Somente em terras distantes, através dos empreendimentos de imensas migrações de colonos, é que se reconheceria quanto bom senso e justiça, quanta sã desconfiança a mãe Europa incorporou a seus filhos – esses filhos que não eram mais capazes de suportar estar perto dela, a velha mulher embrutecida, e corriam o risco de ficarem tão melancólicos, raivosos e viciados em prazer quanto ela mesma.

Fora da Europa, as virtudes da Europa estariam viajando junto com esses trabalhadores; e o que dentro da pátria começou a degenerar em perigosos descontentamentos e tendências criminosas, assumiria uma natureza selvagem e bela e seria chamada de heroísmo. – Então, finalmente, um ar puro certamente retornaria à velha Europa, que atualmente está superpovoada e dobrada sobre si mesma!

E daí que, afinal, sua “força de trabalho” seria um pouco diminuída!

Nesse caso, talvez nos lembraríamos de que nos acostumamos a muitas necessidades apenas quando tornou-se tão fácil satisfazê-las – desaprenderíamos novamente algumas delas! Talvez também trouxéssemos os chineses nesse ponto: e eles trariam maneiras de pensar e viver adequadas para formigas trabalhadoras. De fato, eles poderiam, em geral, ajudar a transfundir no sangue de uma Europa inquieta e desgastada um pouco de calma, contemplação e – o que certamente é ainda mais necessário – perseverança asiática.

## 16. Deveres incondicionais

A Gaia Ciência  
*Die fröhliche Wissenschaft*  
1882

### Livro I

Todas as pessoas que sentem que precisam dos sons e palavras mais fortes, dos gestos e posturas mais eloquentes, a fim de serem efetivas – políticos revolucionários, **socialistas**, pregadores do arrependimento com ou sem o cristianismo, e todos que se recusam a aceitar semissucessos: todos falam de “deveres” e, de fato, sempre de deveres de caráter absoluto – sem esses deveres não teriam direito ao seu grande *pathos*; eles sabem muito bem disso!

Assim, eles buscam filosofias morais que preguem algum imperativo categórico ou ingiram uma boa parte da religião, como *Mazzini* fez, por exemplo. Como eles querem a confiança absoluta dos outros, primeiro precisam de confiança absoluta em si mesmos com base em algum mandamento supremo, indisputável e inerentemente sublime, em virtude de uma regra que gostariam de se sentir servidores e se considerar o instrumento. Aqui temos os oponentes mais naturais e geralmente muito influentes da emancipação moral e do ceticismo; mas eles são raros.

Por outro lado, uma classe muito abrangente desses oponentes pode ser encontrada sempre que o interesse próprio ensina a submissão, enquanto a reputação e a honra parecem proibí-la. Quem sente sua dignidade violada pelo pensamento de ser o instrumento de um príncipe, partido, seita ou mesmo de um poder financeiro – digamos, como descendente de uma família antiga e orgulhosa –, mas ainda quer ou precisa ser esse instrumento ante a si mesmo e ante ao público, precisa de princípios pungentes que possam ser proferidos a qualquer momento, princípios de um “dever” absoluto ao qual alguém pode se submeter abertamente e ser visto como submisso sem se envergonhar. Toda servidão refinada se apega ao imperativo categórico e é o inimigo mortal daqueles que desejam privar o dever de seu caráter absoluto: é isso que a decência exige deles – e não só a decência.

Pathos – Do grego, paixão, sofrimento.

Giuseppe Mazzini (Gênova, 1805 – Pisa, 1872) – Político, conhecido pelo seu ativismo pela unificação da Itália.

## 17. Do objetivo da ciência

A Gaia Ciência  
*Die fröhliche Wissenschaft*  
1882

### Livro I

O quê? O objetivo final da ciência deve ser dar ao homem o máximo de prazer e o mínimo de desprazer possível? Mas e se o prazer e o desprazer estiverem tão intimamente entrelaçados que quem quiser o máximo de um também deve ter o máximo do outro – que quem queira o “júbilo celestial” também deva estar preparado para a “angústia mortal”? E talvez assim as coisas sejam! Pelo menos os estoicos acreditavam que assim as coisas são, e eram coerentes quando também desejavam o mínimo de prazer possível para obter o mínimo de dor possível da vida (usando o ditado “o homem virtuoso é o homem mais feliz”, eles tinham um slogan da escola para as massas e uma sutileza casuística fina para os refinados).

Ainda hoje, você continua possuindo a opção: o mínimo de desagrado possível, em suma, a ausência de angústia – e **socialistas** e políticos de todos os partidos fundamentalmente não têm o direito de prometer a seu povo mais do que isso – ou o máximo de desprazer possível como preço pelo crescimento de uma quantidade de prazeres refinados e alegrias que até agora raramente foram experimentadas. Se você decidir pelo primeiro, ou seja, se quiser diminuir a suscetibilidade das pessoas às angústias, também precisará diminuir a capacidade de alegria delas. Com a ciência, é possível que alguém promova um desses objetivos! Até agora, pode ser que ainda seja mais conhecida pelo seu poder de privar o homem de suas alegrias e torná-lo mais frio, mais parecido com uma estátua, mais estoico. Mas ela ainda pode ser considerada a grande causadora de dor! – E então sua força contrária pode ser encontrada ao mesmo tempo: sua imensa capacidade de fazer novas galáxias de alegria brilharem!

## 18. Diferentes formas de insatisfação

A Gaia Ciência  
*Die fröhliche Wissenschaft*  
1882

### Livro I

A espécie de descontentes fracos e, por assim dizer, femininos é aquela aquela inovadora em tornar a vida mais bonita e profunda; a de descontentes fortes – masculinos, para manter a metáfora – é inovadora em torná-la melhor e mais segura.

Os primeiros demonstram sua fraqueza e feminilidade quando deixam-se enganar de bom grado de tempos em tempos e, ocasionalmente, descansando satisfeitos com um pouco de embriaguez e entusiasmo, embora nunca possam estar totalmente satisfeitos e sofrem com a incurabilidade de sua insatisfação; eles também são os promotores de todos os que sabem obter consolações em ópio, narcóticos e, conseqüentemente, ressentem-se daqueles que considerem os médicos acima dos sacerdotes – assim asseguram a continuação do verdadeiro sofrimento!

Se não houvesse uma multidão desses descontentamentos na Europa desde a Idade Média, a célebre capacidade europeia de constante transformação poderia nunca ter se desenvolvido, pois as demandas dos descontentes fortes são muito grosseiras e, basicamente, pouco exigentes para não poderem ser cumpridas de um dia para o outro.

A China, por exemplo, é um país onde o descontentamento em larga escala e a capacidade de mudança se extinguiram séculos atrás; e, na Europa, os **socialistas** e os idólatras do Estado, com suas medidas para tornar a vida melhor e mais segura, podem também facilmente estabelecer condições chinesas e uma “felicidade” chinesa, desde que **eles** sejam capazes de extirpar esse descontentamento e romantismo mais doentio, mais terno e mais feminino que continua superabundante por aqui.

A Europa é um paciente que deve a maior gratidão à sua incurabilidade e às mudanças perpétuas em sua aflição: Essas condições incessantemente



novas, esses perigos, dores e modos de informação não menos incessantemente novos geraram finalmente uma irritabilidade intelectual que se aproxima do gênio e que, de qualquer forma, é a mãe de toda espécie de gênio.

## 19. Da ausência de estilo nobre

A Gaia Ciência  
*Die fröhliche Wissenschaft*  
1882

### Livro I

Soldados e líderes ainda mantêm uma relação muito superior à relação entre operários e patrões. Até agora, pelo menos, todas as culturas com base militar ainda estão acima da chamada cultura industrial: a última, em sua forma atual, é a forma de existência mais vulgar de toda a história. Simplesmente, aqui a lei da necessidade está em operação: a pessoa quer viver e precisa vender a si mesma, mas também despreza aqueles que exploram essa necessidade e *compram* o trabalhador.

É estranho que a submissão às pessoas poderosas, assustadoras e aterrorizantes, aos tiranos e generais, seja experimentada como não tão angustiante quanto essa submissão a pessoas desconhecidas e sem interesse, como são todos os magnatas da indústria: o operário geralmente vê no patrão apenas um cão astuto, um sanguessuga que especula sobre todas as aflições e cujo o nome, a imagem, os costumes e a reputação são completamente indiferentes a ele.

Até agora, aparentemente, os grandes fabricantes e empreendedores carecem demais de todos os costumes e sinais de raça superior que, por si só, permitem que uma pessoa torne-se interessante; se tivessem o refinamento da criação nobre em seus olhos e gestos, talvez não houvesse **socialismo** das massas. Pois as massas estão basicamente preparadas para se submeter a qualquer tipo de escravidão, desde que os superiores se legitimem constantemente como superiores, com o direito de comandar através de um comportamento refinado herdado desde o nascimento!

O homem mais vulgar sente que o refinamento não pode ser improvisado e que é preciso honrar o fruto de longas eras – mas a ausência de um comportamento mais elevado e a notória vulgaridade do fabricante com mãos rudes e gorduchas dão-lhe a ideia de que é apenas o acaso e a sorte que elevou um acima do outro nesse caso: bem, ele infere, vamos experimentar o

acaso e a sorte! Joguemos os dados! – e o **socialismo** começa.

## **20. Até que ponto as coisas se tornarão mais “artísticas” na Europa**

**A Gaia Ciência**  
*Die fröhliche Wissenschaft*  
**1882**

### **Livro V. Nós, os impávidos**

Ainda hoje, neste período de transição em que tantas formas de coerção perderam o poder, a necessidade de ganhar a vida ainda obriga quase todos os homens europeus a adotarem um papel específico – a chamada profissão. Alguns mantêm a liberdade, uma aparente liberdade, de escolher esse papel; para a maioria deles a escolha vem do exterior. O resultado é suficientemente estranho.

Quase todos os europeus em idade avançada confundem-se com seu papel; eles tornam-se vítimas de sua “boa interpretação”; eles esqueceram o quanto foram determinados por acaso, capricho e arbitrariedade no momento em que sua “profissão” foi decidida – e quantos outros papéis eles poderiam ter sido capazes de interpretar; agora é tarde demais! Após uma análise mais profunda, o papel acabou se tornando caráter; e a arte, natureza.

Houve momentos em que os homens acreditavam com inflexível confiança, mesmo com piedade, em sua predestinação apenas para este ou aquele ofício, à esta ou àquela maneira de ganhar a vida, e recusavam-se totalmente a reconhecer o elemento do acaso, papel e capricho. Com a ajuda dessa fé, propriedades, guildas e privilégios profissionais hereditários foram capazes de estabelecer estes monstros, as pirâmides sociais de base ampla que distinguem a Idade Média e às quais pode-se creditar pelo menos uma coisa: a durabilidade (e durabilidade é um valor de primeira ordem na Terra).

Mas existem épocas contrárias, as verdadeiramente democráticas, nas quais as pessoas desaprendem essa fé e uma certa fé audaciosa em um ponto de vista oposto move-se constantemente para o primeiro plano – a fé ateniense que se tornou perceptível pela primeira vez na era pericliana; a fé estadunidense que está cada vez mais tornando-se também a fé europeia, onde o indivíduo está convencido de que pode fazer praticamente qualquer

coisa e está apto a interpretar qualquer papel; e todo mundo ensaia, experimenta, improvisa, ensaia novamente, gosta de ensaiar, onde cessa toda a natureza e torna-se arte...

Quando os gregos aceitaram plenamente essa fé em papéis – a fé dos artistas, se você preferir –, eles passaram passo a passo por uma estranha metamorfose nem um pouco digna de admiração: eles realmente tornaram-se atores; como tal, eles cativaram e conquistaram o mundo inteiro – finalmente, até a própria “conquistadora do mundo inteiro” (pois não era, como dizem os inocentes, a cultura helênica que conquistou Roma, mas o *graeculus histrio*). Mas o que eu temo, o que já se pode ver com os nossos olhos, mesmo com pouca vontade, é que nós, homens modernos, estamos praticamente no mesmo caminho; e toda vez que o homem começa a descobrir até que ponto ele está desempenhando um papel, até que ponto ele pode ser ator, ele torna-se de fato ator.

Com isso, surge uma nova fauna e flora humana que não podem crescer em épocas mais rigorosas e limitadas – ou que seria pelo menos formalmente condenada e suspeita de desonra; é assim que sempre surgem as épocas mais interessantes e mais loucas, nas quais os “atores”, todos os tipos de atores, são os verdadeiros mestres. Exatamente por isso um outro tipo de humano torna-se cada vez mais desfavorecido e, finalmente, torna-se impossível, nomeadamente os “grandes arquitetos”: a força de construção está agora paralisada; a coragem de planejar a longo prazo é enfraquecida; os gênios organizadores tornam-se escassos – quem ainda se atreve a realizar obras que exigiriam milênios para serem concluídas?

Pois o que está desaparecendo é a fé fundamental com base na qual alguém poderia calcular, prometer, antecipar o futuro em um plano em grande escala e sacrificar o futuro ao seu plano – a saber, a fé básica que o homem tem valor e sentido somente na medida em que ele é uma pedra em um grande edifício; para esse fim, ele deve ser sólido, uma “pedra”... E acima de tudo não ser um ator! Para resumir – oh, as pessoas vão ficar caladas por um longo tempo! – o que já não se constrói, o que nunca mais poderá ser construído, é uma sociedade no antigo sentido do termo; para construir isso, falta tudo, principalmente o material.

Nós já não somos mais materiais para uma sociedade; essa é uma

verdade oportuna! É indiferente para mim que, atualmente, o tipo de humano mais míope, e talvez mais honesto, seja como for, o tipo de humano mais barulhento que temos hoje – nossos cavalheiros **socialistas** – acreditam, esperam, sonham e, acima de tudo, gritam e escrevem praticamente o oposto. Por enquanto, já se lê seu slogan para o futuro “sociedade livre” em todas as mesas e paredes. Sociedade livre? Bem, bem! Mas certamente, senhores, o que é preciso para construir isso? Mármore de papel! O famoso papel-mármore! E quando digo papel...

Graeculus Histrion – Do latim, ator grego.

## 21. A causa sui

**Além do bem e do mal. Prelúdio de uma filosofia do futuro**  
***Jenseits von Gut und Böse: Vorspiel einer Philosophie der Zukunft***  
**1886**

### **Parte I. Sobre os preconceitos dos filósofos**

A *causa sui* é a mais bela autocontradição já imaginada, uma espécie de estupro sobre a lógica: mas o orgulho extravagante da humanidade conseguiu envolver-se profunda e assustadoramente com esse absurdo. Pelo desejo de “livre-arbítrio” no sentido metafísico superlativo (infelizmente, ainda dominante nas mentes dos semieducados), ou seja, pelo desejo de assumir inteiramente toda a responsabilidade pelas próprias ações e de absolver Deus, o mundo, os ancestrais, a sorte e a sociedade da responsabilidade por eles, esta *causa sui* não é nada além do desejo de ser alguém e, com uma audácia maior do que a do Barão de Münchhausen, de tirar a si mesmo do pântano do vazio pelos próprios cabelos.

Supondo que seja possível, dessa maneira, ultrapassar a simplicidade rústica desse célebre conceito de livre-arbítrio e expulsá-lo da mente, então eu perguntaria a quem fez isso para levar sua iluminação um passo adiante e também banir de sua mente o contrário do conceito antinatural de livre-arbítrio: isto é, o “determinismo” que equivale ao mesmo abuso do conceito de causa e efeito.

Não se deve transformar causa e efeito em coisas materiais, como fazem os naturalistas (e aqueles que, como eles, naturalizam em seus pensamentos), de acordo com a estupidez mecanicista predominante, que querem que toda causa pressione e impulsione até produzir um efeito; deve-se empregar causa e efeito apenas como conceitos puros, ou seja, como ficções convencionais para fins de designação, entendimento mútuo, mas não como explicação.

Por si só, não há vestígios de nexos causal, de necessidade, de determinismo psicológico; lá, o efeito não segue a causa, nenhuma lei impera. Somos nós que fabricamos causas, sucessão, reciprocidade, relatividade, necessidade, número, lei, liberdade, razão, propósito; e quando introduzimos falsamente esse mundo de símbolos nas coisas e o misturamos

com elas como se esse mundo simbólico fosse um em si, novamente nos comportamos como sempre nos comportamos, ou seja, mitologicamente.

A vontade não-livre é mitologia: na vida real, é apenas uma questão de vontades fortes e fracas. É quase sempre um sintoma do que está faltando no próprio pensador quando ele detecta em todos os “nexos causais” e necessidades psicológicas algo de compulsão, exigência, restrição, pressão, determinismo: tais sentimentos são traidores, a pessoa que os possui se entrega.

E, se observei corretamente, o determinismo é, em geral, concebido como um problema em dois pontos de vista completamente diferentes, mas sempre de uma maneira profundamente pessoal: um não pode, de forma alguma, abandonar sua responsabilidade, sua crença em si mesmo, o direito pessoal (as castas vaidosas pertencem a esse lugar), o outro, pelo contrário, não se responsabiliza por nada, não se culpa por nada, e a partir de um autodesprezo interior quer ser capaz de mudar sua responsabilidade por si mesmo para pô-la em algum outro lugar.

Esse último, quando escreve livros, tende a defender a causa do criminoso; seu disfarce mais agradável é uma espécie de simpatia **socialista**. E o fatalismo do fraco de vontade é de fato embelezado em um grau espantoso quando ele pode apresentar-se como a religião da suficiência humana: esse é o seu modo de demonstrar seu bom gosto.

Causa sui – Do latim, “causa de si mesmo”. Conceito filosófico presente no trabalho de diversos pensadores.

Barão de Münchhausen (Bodenwerder, 1720 – Bodenwerder, 1797) – Militar, ficou conhecido pelas histórias exageradas baseadas em sua figura, servindo de base para a obra do escritor Rudolph Erich Raspe *As Aventuras do Barão de Münchhausen* (1785).



## **22. As nossas verdades**

**Além do bem e do mal. Prelúdio de uma filosofia do futuro**  
***Jenseits von Gut und Böse: Vorspiel einer Philosophie der Zukunft***  
**1886**

### **Parte V. Sobre a história natural da moral**

Vamos de imediato dizer mais uma vez o que já dissemos cem vezes: para os ouvidos de hoje, as nossas verdades não são bem-vindas. Sabemos bem o quão ofensivo soa quando alguém diz claramente e sem metáfora que o homem é um animal; mas estamos distante de cometer qualquer injustiça caso, em relação aos homens das ideias modernas, empreguemos constantemente os termos “rebanho”, “instinto de rebanho” e coisas do gênero. Não podemos fazer outra coisa: pois é exatamente aqui que reside nossa nova verdade.

Descobrimos que a Europa, e as terras onde a influência europeia predomina, tornou-se unânime em todos os principais juízos morais: sabe-se manifestamente na Europa o que Sócrates afirmava que não sabia e o que aquela antiga e célebre serpente prometeu ensinar, não ignoramos o que é o bem e o mal.

Agora estamos fadados a emitir um som áspero e que não é fácil para os ouvidos escutarem quando insistimos repetidamente: aquilo que aqui se acredita que se sabe, aquilo que aqui se glorifica com louvores e se considera bom, é o instinto animal-de-rebanho do homem: o instinto que rompeu e passou a predominar e prevalecer sobre os outros instintos, conforme a crescente aproximação e assimilação fisiológica da qual é o sintoma.

A moral que está na Europa atualmente é a moral de rebanho, ou seja, apenas um tipo de moral humana ao lado da qual, antes da qual, após a qual, muitas outras morais – acima de todas as mais elevadas – são possíveis ou ao menos deveriam ser possíveis.

Mas contra essa possibilidade, contra essa obrigação, essa moral se defende com toda a sua força: diz obstinadamente “eu sou a própria moral, e nada é moral além de mim!”. De fato, com a ajuda de uma religião que

satisfez e lisonjeou os desejos mais sublimes dos animais de rebanho, chegou ao ponto em que descobrimos mesmo nas instituições políticas e sociais uma expressão cada vez mais evidente dessa moral: o movimento democrático é herdeiro do movimento cristão.

Mas o ritmo desse movimento é muito lento e sonolento para os mais impacientes, é atestado pelo latido cada vez mais frenético, pela cada vez mais indisfarçada presa dos cães anarquistas que agora percorrem as ruas da cultura europeia: aparentemente o inverso dos plácidos democratas e ideólogos revolucionários e, mais ainda, dos estúpidos filósofos e fanáticos por irmandade que se chamam **socialistas** e dizem querer uma “sociedade livre”, estão de fato unidos a todos eles a sua hostilidade total e instintiva em relação a toda forma de sociedade que não seja a do rebanho autônomo (a ponto de repudiar até mesmo os conceitos de mestre e servo, *ni dieu ni maître* diz uma fórmula **socialista**).

Sócrates (Alópece, 469 a.C. – Atenas, 399 a.C.) – Filósofo grego, considerado um dos fundadores da filosofia ocidental.

Ni dieu ni maître – Do francês, nem deus nem mestre.

## 23. Cristão e anarquista

### Crepúsculo dos Ídolos, ou Como Filosofar com o Martelo *Götzen-Dämmerung oder Wie man mit dem Hammer philosophirt* 1888

#### Parte IX. Incursões de um extemporâneo

Quando o anarquista, como porta-voz dos estratos da sociedade em decadência, indigna-se e exige direitos, justiça, igualdade, ele está apenas sentindo a pressão de sua ignorância, incapaz de entender o porquê ele realmente está sofrendo e no que ele é pobre na vida... Há um poderoso impulso causal dentro dele: alguém deve ser o culpado por ele se sentir mal... E ficar indignado também faz bem a ele; todos os pobres demônios possuem prazer em resmungar, isso dá uma pequena embriaguez de poder.

Até uma reclamação pode dar à vida algum tempero e torná-la suportável: há uma pequena pitada de vingança em toda reclamação; as pessoas culpam aqueles que são diferentes pelo fato de se sentirem mal, possivelmente até por sua própria maldade, como se ser diferente fosse uma injustiça, um privilégio inadmissível.

“Se eu sou um canalha, então você também deveria ser”: essa é a lógica na qual as revoluções se baseiam. Reclamar nunca é bom: provém da fraqueza. As pessoas atribuem seus maus sentimentos ou aos outros ou a si mesmas, **socialistas** fazem o primeiro, os cristãos o segundo, não faz diferença alguma. O que eles têm em comum, digamos o que é indigno sobre eles, é que alguém deve ser o culpado pelo seu sofrimento, em suma, que o sofredor prescreve para si mesmo o mel da vingança contra seu sofrimento.

As finalidades dessa necessidade de vingança, uma necessidade de prazer, são causalidades ocasionais: o sofredor encontrará motivos em todos os lugares para refrescar sua vingança mesquinha, se ele é cristão então ele os encontrará em si mesmo... O cristão e o anarquista são decadentes.

Mas mesmo quando o cristão condena, calunia, denigre o *mundo*, ele o faz a partir do mesmo instinto pelo qual o trabalhador **socialista** condena, difama, denigre a sociedade: o “juízo final” ainda é o doce consolo da

vingança, da revolução, pela qual o trabalhador **socialista** também aguarda, apenas levado um pouco mais distante em pensamentos... Para que um além, se não for um meio de denegrir um alguém?

## 24. Se nos tornamos mais morais

### **Crepúsculo dos Ídolos, ou Como Filosofar com o Martelo** *Götzen-Dämmerung oder Wie man mit dem Hammer philosophirt* 1888

#### **Parte IX. Incursões de um extemporâneo**

Meu conceito de além do bem e do mal, como era de se esperar, havia se levantado contra toda a ferocidade do emburrecimento moral, que na Alemanha é conhecido como a própria moral: eu poderia contar algumas histórias encantadoras sobre isso.

Acima de tudo, foi-me dada a reflexão acerca da inegável superioridade de nosso tempo em seus julgamentos morais, o verdadeiro progresso que fizemos aqui: disseram-me que, em comparação conosco, não era possível estabelecer Cesare Borgia como homem superior, um tipo de *übermensch*, como eu estabeleço... Um redator suíço do *Bund* foi tão longe – mas não sem expressar seu respeito pela coragem necessária para ser tão ousado – a ponto de “compreender” o significado de minha obra como uma tentativa de livrar-me de todos os sentimentos decentes. Muito obrigado! Permitir-me-ei, em resposta, levantar a questão: tornamo-nos realmente mais morais?

O fato de todo mundo acreditar nisso já é uma objeção contra o mesmo. Nós homens modernos, muito delicados, muito vulneráveis, mostrando e sendo mostrados a centenas de tipos de considerações, imaginamos que esta terna humanidade que apresentamos, esta unanimidade em ser misericordioso, pronto para ajudar, confiando mutuamente, seja um avanço positivo e que nos leva muito além dos homens da Renascença.

Mas toda época pensa assim, precisa pensar assim. Certo é que não devemos nos colocar ou mesmo pensar em condições renascentistas: nossos nervos não seriam capazes de suportar essa realidade, muito menos nossos músculos. No entanto, essa incapacidade não é prova de progresso, mas apenas de uma constituição diferente, mais tardia, mais fraca, mais sensível e mais vulnerável, da qual uma moral cheia de considerações é produzida.

Se imaginássemos como nós estaríamos sem nossa delicadeza e atraso,

sem nosso envelhecimento fisiológico, então a nossa moral da antropomorfização perderia imediatamente seu valor – nenhuma moral possui valor em si mesma – e até a menosprezariamos.

Por outro lado, não tenhamos dúvidas de que nós modernos, com nossa humanidade densamente acolchoada, que tenta evitar esbarrar em uma única pedra que seja, daríamos aos contemporâneos de Cesare Borgia uma comédia incrivelmente engraçada. De fato, somos involuntariamente cômicos com nossas virtudes modernas.

O declínio de nossos instintos hostis e capazes de despertar desconfiança, que supostamente é nosso progresso, representa apenas uma das consequências da decadência geral da vitalidade; é preciso cem vezes mais esforço e cuidado para impor uma existência tão condicionada e tardia. As pessoas se ajudam; até certo ponto, todos são enfermos e todos são enfermeiros. Então, isso é chamado de virtude, mas as pessoas que conheceram a vida de maneira diferente, mais plena, mais extravagante, mais transbordante, chamariam de algo diferente, talvez “covardia”, “mesquinha”, “moral de velhas senhoras”.

Nossa mitigação da moral é minha proposição; isso é, minha inovação é uma consequência da decadência; por outro lado, a rigidez e o terror na moral podem ser uma consequência do excesso de vida: pois, nesse caso, muito pode ser arriscado, requisitado, desperdiçado também.

O que costumava ser o tempero da vida seria um veneno para nós. Para ser indiferente, que também é uma forma de força, também somos velhos demais, tardios demais: nossa moral da compaixão, tudo o que se poderia chamar de moral do Impressionismo, contra a qual fui o primeiro a advertir, é mais uma expressão da super sensibilidade psicológica própria a tudo que é decadente. Aquele movimento que tentou demonstrar seu status científico junto com a moral da compaixão de Schopenhauer foi uma tentativa muito infeliz! É o verdadeiro movimento de decadência moral e, como tal, está profundamente relacionado à moral cristã.

As épocas de força, culturas nobres, vêm algo desprezível na compaixão, no “amor ao próximo” e na falta de amor próprio, de si próprio. As épocas devem ser medidas por suas forças positivas, e no caso da época

Renascentista, tão extravagante e fatídica, surge como a última grande época, e nós, modernos, com nosso bem-estar ansioso e amor fraterno, com nossas virtudes do trabalho, despretensiosidade, obediência à lei e a cientificidade acumulativa, econômica e maquinal, emergimos como uma época fraca.

Nossas virtudes são determinadas pela nossa fraqueza. A “igualdade”, uma certa assemelhação fatual que a teoria dos direitos iguais apenas expressa, concerne essencialmente à decadência: o abismo entre o homem e o homem, entre classes e classes; a multiplicidade de tipos; a vontade de ser você mesmo, de destacar tudo o que chamo de *Pathos* da Distância, é própria de toda época forte.

A tensão, o intervalo entre os extremos está ficando cada vez menor nos dias de hoje. Em última análise, os próprios extremos estão ficando tão nublados que parecem um com o outro. Todas as nossas teorias políticas e constituições estatais, incluindo o *Reich* alemão, são derivadas, consequências necessárias, da decadência; o efeito inconsciente da decadência dominou até os ideais de ciências particulares.

Minha objeção contra toda a sociologia inglesa e francesa continua sendo o fato de ela conhecer por experiência apenas as estruturas da decadência na sociedade e, com toda inocência, tomar seus próprios instintos de decadência como norma para juízos sociológicos de valor.

A vida decadente, a decadência de qualquer força organizadora, ou seja, qualquer energia que divida, abra o abismo, subordine e hierarquize, é formulada pela sociologia de hoje como um ideal. Nossos **socialistas** são decadentes, mas Herbert Spencer também é um decadente, ele vê o triunfo do altruísmo como desejável!

Cesare Borgia (Roma, 1475 – Viana, 1507) – Nobre italiano cuja vida inspirou Nicolau Maquiavel (Florença, 1469 – Florença, 1527) em sua obra *O Príncipe*.

Übermensch – Do alemão, comumente traduzido como super-homem, sobre-homem ou além-homem.

Der Bund – Jornal suíço fundado em 1850 sob influência do liberalismo, continua em circulação até hoje.

Reich – Do alemão, império ou reino.

Hebert Spencer (Derby, 1820 – Brighton, 1903) – Filósofo, associado com a teoria do darwinismo social.



## 25. O que aspirou o século XIX

Crepúsculo dos Ídolos, ou Como Filosofar com o Martelo  
*Götzen-Dämmerung oder Wie man mit dem Hammer philosophirt*  
1888

### Parte IX. Incursões de um extemporâneo

Pode-se dizer que, em certo sentido, o século XIX também aspirou por tudo o que Goethe como pessoa aspirava: uma universalidade na compreensão e aprovação, uma disposição para deixar tudo acontecer, um realismo imprudente, uma reverência por tudo o que é fatual. Como então o resultado geral não é Goethe, mas sim o caos, um suspiro niilista, um ser-de-juízo-final, um cansaço instintivo que *in praxi* o leva constantemente de volta ao século XVIII? (por exemplo, como um romantismo do sentimento, como altruísmo e hipersentimentalismo, como femininismo no paladar, como **socialismo** na política).

Não seria o século XIX, especialmente em seu final, apenas um século XVIII reforçado e corrompido, ou seja, um século de decadência? Nesse caso, Goethe teria sido – não apenas para a Alemanha, mas para toda a Europa – simplesmente um incidente inestimável e belo? Mas grandes pessoas são incompreendidas se forem vistas a partir da perspectiva miserável da utilidade pública. O fato de que não se pode colher nenhuma utilidade deles talvez seja um aspecto de sua grandeza...

In praxi – Do latim, na prática.

## 26. Está chegando a hora

**A Vontade de Poder**  
*Der Wille zur Macht*  
1906

### **Livro I. Niilismo Europeu** **Capítulo 1. Niilismo**

Está chegando a hora em que teremos que pagar por termos sido cristãos por dois mil anos; perdemos o essencial do qual nossas vidas dependem; por muito tempo não saberemos o que fazer conosco. Estamos nos precipitando em direção aos valores opostos, com a mesma quantidade de energia com a qual somos cristãos – com os quais nós exageradamente abraçamos os valores cristãos sem qualquer sentido.

Agora, tudo é inteiramente falso, nada além de “palavras, palavras e palavras”, confusas, fracas ou exageradas:

a) Tentamos algum tipo de solução secular que mantenha o mesmo significado do cristão, uma solução na qual verdade, amor e justiça (ou seja, os **socialistas**) triunfam no final: “a igualdade das pessoas”.

b) Também tentamos manter o ideal moral (que dá precedência ao altruísmo, à abnegação e à negação da vontade).

c) Tentamos até nos apegar a um “além”, embora apenas como um postulado desconhecido desafiando toda a lógica; mas é imediatamente enfeitado de tal maneira que dele possa derivar algum bom conforto metafísico de velho estilo.

d) Nós tentamos ver a antiquada boa mão de Deus em tudo o que ocorre, algo na ordem das coisas que recompensa, castiga, educa, melhora.

e) Nós continuamos a acreditar no bem e no mal, e sentimos a obrigação de provocar o triunfo do bem, a destruição do mal (isso é bem inglês e é típico daquele cabeça-de-vento do John Stuart Mill).

f) O desprezo sentido pelo que é “natural”, pelo desejo e pelo ego; nós tentamos considerar até a intelectualidade mais elevada e a arte suprema como resultados de renúncia à personalidade e desinteresse.

g) Nós continuamos a permitir que a Igreja se intrometa em todas as experiências essenciais e marcos importantes na vida de um indivíduo, a fim de consagrá-los e dar-lhes um sentido superior; temos até um “Estado cristão” e um “casamento” cristão.

## 27. O conceito de “*décadence*”

**A Vontade de Poder**  
***Der Wille zur Macht***  
**1906**

### **Livro I. Niilismo Europeu** **Capítulo 1. Niilismo**

Degeneração, decomposição e desperdício não devem ser condenados per se: são as consequências naturais da vida e do crescimento. O fenômeno de *décadence* é tão necessário para a vida quanto o seu progresso e sua ascensão, e não estamos em posição de eliminá-la. Pelo contrário, só é sensato dar à *décadence* o que lhe é devido.

É lamentável que todos os teóricos **socialistas** acreditem que possa haver circunstâncias e arranjos sociais que não promovam vícios, doenças, crimes, prostituição e até pobreza... Mas isso equivale a condenar a própria vida... Uma sociedade não possui a liberdade de permanecer jovem e, mesmo em seu apogeu, ainda produz lixo e rejeitos. Quanto mais audaz e enérgico for o seu progresso, mais prolífico será em falhas e defeitos – e mais próxima será sua destruição. Não se pode afastar a decrepitude, a doença ou o vício com instituições melhores; é tolice pensar o contrário

Décadence – Do francês, decadência.

## 28. O estado de corrupção

**A Vontade de Poder**  
*Der Wille zur Macht*  
1906

### **Livro I. Niilismo Europeu** **Capítulo 1. Niilismo**

Deve-se entender que as formas de corrupção são todas iguais; a forma cristã (da qual Pascal é o arquétipo) não deve ser mais esquecida do que a **socialista** ou a comunista (consequências da corrupção cristã). A natureza corrupta do ideal cristão consiste em imaginar um mundo “além”, como se fora do mundo real do “devir” houvesse um mundo do “ser”. Aqui não pode haver trégua, mas erradicação, aniquilação e guerra, o padrão cristão-niilista de valores deve ser arrastado para campo aberto e combatido em todas as suas formas, na sociologia moderna, na música moderna, no pessimismo moderno (todas elas são formas do ideal cristão). É verdade, Um ou outro é verdadeiro: verdadeiro quer dizer aqui o tipo de homem ascendente. O padre, o pastor, devem ser encarados como formas de vida repreensíveis. Até agora, toda a educação tem sido desnordeada e desamparada, carregada de valores contraditórios.

Blaise Pascal (Clermont-Ferrand, 1623 – Paris, 1662) – Matemático e teólogo. Devido às suas contribuições à matemática, foi homenageado no Sistema Internacional de Unidades (SI) com o seu sobrenome sendo utilizado para designar a unidade padrão de pressão e tensão (Pa).

## 29. O socialismo

**A Vontade de Poder**  
*Der Wille zur Macht*  
1906

### **Livro I. Niilismo Europeu** **Capítulo 2. Sobre a história do niilismo europeu**

O socialismo – ou a tirania dos atores mais baixos, estúpidos, superficiais, invejosos e mais-do-que-a-metade – é, de fato, a conclusão lógica das “ideias modernas” e seu anarquismo latente: mas, infelizmente, na atmosfera morna do bem-estar democrático, a capacidade de tirar conclusões, ou mesmo de chegar a um fim, diminui. O indivíduo segue uma multidão – mas não segue mais um argumento. Por isso o **socialismo** é, em sua totalidade, um caso amargo e sem esperança: e nada é mais divertido do que observar a inconsistência entre os rostos peçonhentos e desesperados dos **socialistas** modernos – assim como os sentimentos miseráveis e esmagados pelos quais **seu** estilo testemunha! – e a beatitude inocente, semelhante a um cordeiro, de **suas** esperanças e desejos.

No entanto, em muitos lugares da Europa **eles** podem dar um golpe aqui ou ali: o próximo século provavelmente ouvirá um “estrondo” intestinal ocasionalmente, e a Comuna de Paris, que tem seus defensores e advogados até mesmo na Alemanha (exemplo: Eugen Dühring, em Berlim), talvez tenha sido apenas uma leve indigestão se comparada com o que está por vir. Seja como for, sempre haverá proprietários demais para o **socialismo** significar mais do que uma doença temporária: e os proprietários são como um só para acreditar que “é preciso possuir algo para poder ser algo”. No entanto, devo acrescentar que este é o instinto mais antigo e sadio: “é preciso querer mais do que se tem para tornar-se mais”.

Pois esta é a doutrina que a própria vida prega a todos os seres vivos: a moral do desenvolvimento. Ter e querer ter mais, em uma palavra, crescimento – isso é a própria vida. “A vontade de negar a vida” está apenas mal escondida na doutrina do **socialismo**; somente povos ou homens malsucedidos poderiam adotar tal doutrina. De fato, eu gostaria que o **socialismo** fosse desacreditado por algumas grandes experiências, mostrando

que, em uma sociedade **socialista**, a vida nega a si mesma e se corta pelas raízes.

A terra é grande o suficiente, e o homem ainda tem o suficiente, embora essa demonstração prática, uma demonstração ad absurdum, pareça indesejável, dado seu imenso custo na vida humana. Por tudo isso, como uma toupeira inquieta escavando sob uma sociedade afundada em sua própria estupidez, o **socialismo** poderia ser útil e benéfico. **Ele** atrasa a “paz na Terra” e toda a animação do animal de rebanho democrático. Obriga o europeu a manter sua inteligência (sua astúcia e cautela). Exige que ele não desista inteiramente das virtudes viris e guerreiras, que retenha algum resquício de intelecto frio, claro e sagaz – assim o **socialismo** protege a Europa por um tempo da ameaça do *marasmus femininus*.

Eugen Dühring (Berlim, 1833 – Babelsberg, 1921) – Filósofo socialista, conhecido pelo ateísmo, antissemitismo e oposição ao capitalismo e ao marxismo.

Marasmus femininus – Do latim, marasmo feminino. Expressão provavelmente criada pelo próprio Nietzsche.

## 30. Europeus bons como somos

**A Vontade de Poder**

***Der Wille zur Macht***

**1906**

**Livro I. Niilismo Europeu**

**Capítulo 2. Sobre a história do niilismo europeu**

Europeus bons como somos, o que nos distingue daqueles que vivem apenas entre seus compatriotas? Em primeiro lugar, somos ateus e imoralistas, mas por enquanto apoiamos as religiões e as morais que surgem do instinto de rebanho; através delas, está sendo preparado um tipo de homem que acabará por cair em nossas mãos, que exige ser tomado em nossas mãos.

Estamos para além do bem e do mal, mas insistimos que a moral de rebanho seja considerada absolutamente sacrossanta. Reservamo-nos várias linhas de filosofia que talvez precisem ser ensinadas: sob certas circunstâncias o pessimismo pode ser exercido como um martelo – um budismo europeu talvez seja indispensável e talvez mais lógico.

Somos responsáveis por apoiar o desenvolvimento e o amadurecimento do sistema democrático, que treina homens para serem facilmente influenciados, forma a fraqueza da vontade. No “**socialismo**”, vemos um espinho contra a acomodação.

Nossa atitude é pelos povos: prestamos atenção aos resultados de suas misturas, à luz de nossas preferências.

Nós somos distantes, ricos, fortes: nos entregamos à ironia às custas da “imprensa” e de sua cultura. Estamos preocupados que os cientistas não se tornem literatos. Desdenhamos de qualquer cultura que se concilia lendo jornais ou, pior, escrevendo para eles.

Nós aceitamos (assim como Goethe e Stendhal aceitaram) nossas posições e experiências acidentais, como um andarilho pode aturar alojamentos – temos o cuidado de não ficar muito à vontade neles.



Temos a vantagem de uma *disciplina voluntatis* perante nosso próximo. Todos os nossos esforços são direcionados para o desenvolvimento da força de vontade e de um entendimento desapassionado (por vezes um “supraeuropeu”), uma arte que nos permita usar máscaras.

Essa é a nossa preparação para nos tornarmos senhores da terra, legisladores do futuro, ao menos através de nossos filhos. Para esse fim, o caráter dos casamentos torna-se uma consideração fundamental.

Stendhal (Grenoble, 1783 – Paris, 1842) – Escritor. Principal obra: O Vermelho e o Negro

Disciplina voluntatis – Do latim, disciplina da vontade.

## 31. O evangelho

**A Vontade de Poder**  
***Der Wille zur Macht***  
**1906**

### **Livro II - Crítica dos valores superiores** **Capítulo 1. Crítica da Religião**

O evangelho traz as boas novas aos inferiores e aos pobres, a porta da felicidade está aberta a eles: tudo o que precisam fazer é se libertarem das instituições, tradições e tutela das classes superiores. Até esse ponto, pelo menos, o cristianismo é o resultado de nada além da típica doutrina **socialista**. Propriedade, posses, pátria, status e posição, tribunais, polícia, Estado, Igreja, educação, arte, assuntos militares: todos esses são obstáculos à felicidade, erros e emaranhados, obras do diabo que o evangelho traz perante o tribunal e anuncia o julgamento... isso também é típico da doutrina **socialista**.

Espreitando no fundo, há tumulto, a explosão de um ódio reprimido pelos “senhores”, uma consciência instintiva de quanta felicidade já é inerente ao senso de liberdade.

Na maioria das vezes, isso é um sintoma do fato de que os estratos inferiores receberam tratamento excessivamente humano, que eles já tiveram um gosto de felicidade proibido para eles... Não é a fome que gera revoluções, mas o fato de que, para o povo, o apetite vem por enquanto come...

## **32. Uma ideia pueril**

**A Vontade de Poder**

***Der Wille zur Macht***

**1906**

### **Livro II - Crítica dos valores superiores**

#### **Capítulo 2. Crítica da moral**

1) Há uma ideia bastante arbitrária e vaga, ainda em sua infância, de que a humanidade tem alguma tarefa geral a solucionar e de que está, como um todo, continuamente movendo-se em direção a algum objetivo. Talvez nos livremos dessa ideia antes que se torne uma fixação. Pois não existe a humanidade como um todo: a humanidade é uma multiplicidade de processos de ascendência indissociavelmente entrelaçados com processos de decadência – ela não tem sua própria juventude, seguida pela maturidade e depois pela velhice.

Ou seja, os estratos estão misturados e sobrepostos uns aos outros – e em alguns milênios pode haver tipos de homem ainda mais jovens do que os que estão hoje em evidência. A decadência, por outro lado, pode ser encontrada em todas as épocas da história da humanidade; há lixo e detritos em toda parte; a eliminação de sucata e matéria putrefata é em si um processo vital.

2) Sob o domínio do preconceito cristão essa questão nunca foi levantada: o sentido da vida residia na salvação da alma individual; se a humanidade resistiria por muito ou pouco tempo não foi nem ao menos considerado. Os melhores cristãos desejavam que a história chegasse a um final o mais rápido possível; já sobre o que o indivíduo precisava fazer, não havia dúvida alguma. Considerou-se que a tarefa definida para cada indivíduo não era diferente no presente do que seria no futuro; o valor, o sentido e o escopo dos valores eram absolutos, incondicionais, eternos, uno com Deus... O que se desviasse desse arquétipo eterno era pecaminoso, diabólico, condenado.

No que diz respeito aos valores, para toda alma, eles estão na própria alma: salvação ou condenação! A salvação da alma eterna! A forma mais extrema de *autoabsorção*. E para cada alma havia apenas um único tipo de perfeição,

apenas um único ideal, apenas um único caminho para a salvação. A forma mais extrema de igualitarismo, associada a uma amplificação de sua própria importância até o absurdo... Nada além de almas absurdamente autoimportantes, terrivelmente ansiosas por si mesmas.

3) Ninguém mais acredita nessa presunção ridícula; nós temos refinado nossa sabedoria através da peneira do desprezo. No entanto, o hábito de buscar determinar o valor do homem a partir do quão perto ele se aproxima de um homem ideal permanece ininterrupto: essencialmente, as pessoas aderem à perspectiva de autoabsorção e ao igualitarismo à luz desse ideal. Em suma, o conceito do homem ideal leva a acreditar que já se sabe qual deve ser sua aspiração final.

Mas essa crença é apenas a consequência das pessoas terem sido extremamente deseducadas pelo ideal cristão, como pode ser imediatamente deduzido através de um exame cuidadoso do próprio “tipo ideal”. Em primeiro lugar, eles acreditam que nem ao menos precisa ser dito que é desejável abordar apenas um único “tipo”; em segundo lugar, que é evidente o que é esse tipo; em terceiro lugar, que qualquer desvio desse tipo representa um declínio, um obstáculo, uma perda de força e poder por parte dos humanos...

Nem nossos **socialistas**, nem os estimados utilitaristas foram além de sonhar com condições em que esse homem perfeito estaria em maioria esmagadora. Com isso, um objetivo no desenvolvimento da humanidade aparece no horizonte; de qualquer forma, a crença no progresso em direção ao ideal representa a única forma na qual um objetivo da história da humanidade é agora concebido. Em suma, a vinda do “reino de Deus” foi transferida para o futuro, sobre a Terra e recebeu forma humana – mas, no fundo, foi mantida a fé no antigo ideal...

### 33. As formas mais ocultas da adoração do ideal-moral cristão

**A Vontade de Poder**  
***Der Wille zur Macht***  
**1906**

#### **Livro II - Crítica dos valores superiores** **Capítulo 2. Crítica da moral**

O conceito brando e covarde de “natureza” utilizado pelos entusiastas da natureza (que são desprovidos de qualquer senso dos elementos cruéis, implacáveis e cínicos, mesmo nos aspectos “mais belos” da natureza) é uma espécie de tentativa de retirar da natureza da moral cristã o conceito do que é “humano” – como é o conceito de natureza de Rousseau, que pressupõe que “natureza” signifique liberdade, bondade, inocência, justiça – em resumo, um idílio que nada mais é do que o culto à moral cristã.

Reunir passagens que ilustrem o que os poetas realmente admiravam, por exemplo: as altas montanhas, etc. – o que Goethe via nelas – por que ele admirava Spinoza –. A total ignorância das pressuposições dessa forma de adoração... O conceito brando e covarde de “homem” à la Comte e Stuart Mill, talvez até como um objeto de adoração... Esse é apenas o culto à moral cristã em tudo, menos no nome... Os pensadores livres, por exemplo: Guyau.

O conceito brando e covarde de “arte” como simpatia por todos os sofredores e infelizes (mesmo a história, por exemplo, de Thierry): é novamente o culto ao ideal-moral cristão. E todo o ideal **socialista** não é nada além de um tolo equívoco do ideal-moral cristão.

Baruch Spinoza (Amsterdã, 1632 – Haia, 1677) – Filósofo, considerado um dos maiores do racionalismo.

Jean-Marie Guyau (Laval, 1854 – Menton, 1888) – Filósofo e poeta. Principal obra: *Esquisse d'une morale sans obligation ni sanction*.

Augustin Thierry (Blois, 1795 – Paris, 1856) – Historiador, fortemente associado com o liberalismo.

## 34. O socialista perfeito

**A Vontade de Poder**

***Der Wille zur Macht***

**1906**

**Livro II - Crítica dos valores superiores**

**Capítulo 2. Crítica da moral**

Humilde, diligente, benevolente e moderado: é assim que vocês gostariam que fossem os homens? É assim que vocês acham que são os homens bons? Mas tudo o que você consegue com isso são os escravos do futuro, as “ovelhas de Cristo”, o **socialista** perfeito...

## **35. A origem dos valores morais**

**A Vontade de Poder**

***Der Wille zur Macht***

**1906**

### **Livro II. Crítica dos valores superiores**

#### **Capítulo 2. Crítica da moral**

O egoísmo tem tanto valor quanto o valor fisiológico daquele que o possui. Cada indivíduo representa todo o curso da evolução (e não apenas, como a moral o concebe, algo que começa no nascimento). Se ele representa o curso ascendente do homem, seu valor é, de fato, extraordinário; e extremo cuidado deve ser tomado na preservação e proteção de seu crescimento. (É a preocupação com o futuro, nele promissor, que o indivíduo bem-sucedido representa que lhe confere um direito extraordinário ao egoísmo).

Se ele representa seu curso descendente, rumo à decadência, e o adoecimento crônico, então ele é de pouco valor: a justiça primeira exige que o bem-sucedido seja privado de espaço, força e sol. Nesse caso, a sociedade tem o dever de suprimir o egoísmo (e suas manifestações por vezes ridículas, patológicas e inflamatórias), seja de indivíduos ou de toda a camada da população atrofiada e em decomposição.

Uma doutrina e religião do “amor”, da supressão da autoafirmação, da paciência, tolerância e utilidade, da reciprocidade em palavras e ações, pode ser de valor supremo dentro de tais estratos, mesmo aos olhos dos governantes, por suprimir sentimentos de rivalidade, ressentimento e inveja, sentimentos que são naturais demais para os malsucedidos – apoteotiza, sob o ideal de humildade e obediência, a condição de serem escravizados, subjugados, empobrecidos, adoecidos e oprimidos por eles.

É por isso que, em todas as épocas, as classes (ou povos) dominantes, bem como os indivíduos dominantes, sustentaram a adoração à abnegação, ao evangelho dos “oprimidos” e “o Deus na cruz”.

A preponderância de um modo de valoração altruísta é o resultado de um instinto do ser malsucedido. O juízo de valor aqui diz essencialmente:

“não valho muito”: para ser mais claro, um juízo de valor meramente fisiológico nascido de um senso de impotência, uma ausência de qualquer grande sentimento de poder afirmativo (nos músculos, nervos e córtex motor). Esse juízo é traduzido, na cultura particular dessas classes, em um juízo moral ou religioso (a preponderância de juízos religiosos ou morais é sempre um sinal de cultura inferior); busca estabelecer-se em esferas em que o conceito de “valor” seja familiar.

A interpretação pela qual o “pecador cristão” pensa que entende a si mesmo é uma tentativa de justificar sua falta de poder e autoconfiança; ele prefere considerar-se culpado do que sofrer em vão: precisar de interpretações desse tipo é em si um sintoma de decadência. Em outros casos, os malsucedidos buscam a razão de seu sofrimento não em sua própria “culpa” (como faz o cristão), mas na sociedade; o **socialista**, o anarquista ou o niilista, ao experimentar sua existência como algo pela qual alguém deva ser culpado, é parente próximo do cristão, pois o cristão também acredita que possa suportar mais facilmente sua própria miséria e inadequação uma vez que encontre alguém a quem ele possa responsabilizar por isso.

O instinto de vingança e ressentimento em ambos os casos aparece aqui como um meio de suportá-lo, como um instinto de autopreservação, assim como a preferência pela teoria e pela prática altruísta. O ódio ao egoísmo, seja ao próprio, como acontece com os cristãos, ou ao egoísmo dos outros, como acontece com os **socialistas**, surge primeiro como um juízo de valor sob a influência predominante da vingança e depois como um meio prudente de autopreservação por parte dos sofrendores, intensificando seus sentimentos de reciprocidade e solidariedade.

Por fim, como já indicado, até mesmo a descarga de ressentimento que ocorre no ato de julgar, condenar e punir o egoísmo (o próprio ou o dos outros), ainda é um instinto de autopreservação por parte dos malsucedidos. Em suma: o culto ao altruísmo é uma forma específica de egoísmo, que ocorre regularmente sob certas condições fisiológicas.

Quando o **socialista**, com uma bela indignação, exige “justiça”, “direito”, “direitos iguais”, isso apenas mostra que, sob a pressão de **sua** cultura inadequada, **ele** é incapaz de entender por que sofre; por outro lado, **ele** sente prazer com isso; se **ele** estivesse se sentindo melhor, tomaria



cuidado para não gritar: então encontraria prazer em outro lugar. O mesmo se aplica ao cristão: ele amaldiçoa, condena e difama o mundo – e não se ausenta disso. Mas isso não é razão para levar a sério seus gritos. Em ambos os casos, ainda estamos entre doentes; faz bem a eles gritar, e lhes proporciona algum alívio vilipendiar.

## 36. Sou contra

**A Vontade de Poder**  
*Der Wille zur Macht*  
1906

### **Livro III. Princípio de uma nova determinação de valores** **Capítulo 3. A vontade de poder como sociedade e indivíduo**

Sou contra: (1) o **socialismo** por causa de todo esse absurdo de rebanho sobre “bondade, verdade e beleza” e direitos iguais, que são o sonho de todo **socialista** (o anarquismo tem o mesmo ideal, apenas o persegue de maneira mais brutal); e (2) o parlamentarismo e a imprensa, porque esses são os meios pelos quais o animal de rebanho torna-se senhor de escravos.

## 37. Os socialistas parecem ridículos

**A Vontade de Poder**

***Der Wille zur Macht***

**1906**

**Livro III. Princípio de uma nova determinação de valores**

**Capítulo 3. A vontade de poder como sociedade e indivíduo**

Os **socialistas** parecem ridículos para mim, com seu otimismo tolo sobre o “homem inerentemente bom” que sairá de trás dos arbustos assim que abolirmos a “ordem” atual e nos livrarmos de todos os nossos “impulsos naturais”.

Mas a oposição é igualmente ridícula, porque eles se recusam a reconhecer a violência com que a lei atua, a dureza e o egoísmo de toda espécie de autoridade. “Eu e minha espécie” permaneceremos e prevaleceremos; quem degenera deve ser expulso ou exterminado – esse sentimento está na base de toda legislação antiga.

A ideia de uma espécie superior de homem provoca mais ódio do que qualquer monarca. Os antiaristocráticos expressam ódio aos monarcas, mas apenas como uma máscara.

## **38. O socialismo e o jesuitismo**

**A Vontade de Poder**

***Der Wille zur Macht***

**1906**

**Livro III. Princípio de uma nova determinação de valores**

**Capítulo 3. A vontade de poder como sociedade e indivíduo**

O **socialismo** moderno quer criar uma versão secular do jesuitismo: todo mundo é um instrumento perfeito. Mas o objetivo ainda está para ser descoberto. Para quê!

## **39. A expiação por todo pecado**

**A Vontade de Poder**

***Der Wille zur Macht***

**1906**

### **Livro III. Princípio de uma nova determinação de valores**

#### **Capítulo 3. A vontade de poder como sociedade e indivíduo**

1) As pessoas falam da “profunda injustiça” do pacto social, como se o fato de um homem nascer em circunstâncias favoráveis, enquanto outro nasce em circunstâncias desfavoráveis, fosse, por princípio, uma injustiça; ou até mesmo que já seja injustiça um homem nascer com certas características inerentes a ele quando o outro nasce sem.

Os mais sinceros entre esses inimigos da sociedade decretam: “Nós mesmos, com todas as nossas características reconhecidamente ruins, mórbidas e criminosas, somos apenas a consequência inevitável da opressão secular dos fracos pelos fortes”; eles culpam as classes dominantes pelo seu caráter. E assim eles ameaçam-se, enfurecem-se, amaldiçoam-se; tornam-se virtuosos por indignação – eles não admitem terem se tornado homens maus e *canaille* por nada...

É-me dado a entender que essa postura, uma invenção das últimas décadas, é chamada até de pessimismo, ou seja, o pessimismo da indignação. Aqui é feita a reivindicação para julgar a história, despojá-la de sua inevitabilidade, a fim de descobrir quem é responsável por ela, quem é o culpado. Pois eles precisam de alguém para culpar.

Os malsucedidos, os decadentes de todos os tipos, estão em revolta e exigem que alguém se sacrifique, para não saciarem sua sede de destruição destruindo a si mesmos (o que, por si só, talvez tivesse a razão a seu favor). Para isso, precisam uma aparência de direito, ou seja, uma teoria segundo a qual o fato de sua existência, de serem como são, possa ser transferido para um bode expiatório.

Esse bode expiatório pode ser Deus – na Rússia não faltam tais ateus nascidos do ressentimento – ou a ordem social, ou a educação, ou os judeus,

ou a nobreza, ou, finalmente, todo tipo de homem bem-sucedido. “É crime um homem nascer sob condições favoráveis, pois, ao fazê-lo, deserda os outros, marginalizando-os e condenando-os ao vício ou mesmo ao trabalho... Que culpa tenho eu de ser miserável?! Isso certamente deve ser culpa de alguém, caso contrário, seria insuportável”. Em suma, o pessimismo da indignação inventa responsabilidade a fim de criar uma sensação agradável – a vingança. “Doce como mel”, como o velho Homero a chamava.

2) O fato de que o significado de tal teoria não pode mais ser discernido adequadamente, ou, devo dizer, desprezado, deve-se ao traço persistente de cristianismo que corre em nossas veias; somos tolerantes com as coisas simplesmente porque elas possuem um leve odor cristão. Os **socialistas** apelam aos instintos cristãos, essa é a **sua** esperteza mais sutil.

Graças ao cristianismo, agora nos acostumamos ao conceito supersticioso de “alma”, à “alma imortal”, à alma monádica, que na verdade pertence a outro lugar, e sob certas circunstâncias simplesmente descende à existência “terrena”, por assim dizer – simplesmente acontece de “tornar-se carne”, mas sem que sua essência seja afetada por ela, muito menos dependente dela.

As relações sociais, familiares e históricas, no máximo fornecem à alma relações ocasionais ou, talvez, dilemas; de qualquer forma, não é seu produto. Com essa ideia, o indivíduo é transformado em algo transcendente; permite-lhe atribuir uma quantidade absurda de importância a si mesmo.

De fato, foi o cristianismo quem primeiro convidou o indivíduo a arrogar a posição de juiz de tudo e de todos, o que quase tornou a megalomania obrigatória: tentou até fazer valer os direitos eternos contra tudo que fosse temporal e condicional, com total desrespeito para o Estado, a sociedade, a tradição jurídica e a fisiologia. Aqui fala algo além do mundo do devir, algo imutável ao longo da história; aqui fala algo imortal, algo “divino”: uma “alma”!

Outro conceito cristão, não menos louco, que foi incorporado ainda mais profundamente ao tecido da modernidade é o da igualdade de todas as almas diante de Deus. É o protótipo de todas as teorias de direitos iguais. Primeiro, a humanidade foi ensinada a balbuciar o princípio da igualdade de maneira

religiosa; depois, uma moral para ela foi criada; e não é de admirar que o homem acabe levando isso a sério, em sentido prático! Ou seja, um sentido político, democrático, **socialista**, pessimista por indignação.

Onde quer que a responsabilidade tenha sido buscada, foi o instinto de vingança que realizou a busca. Ao longo do último milênio, esse instinto de vingança dominou a humanidade a tal ponto que toda a metafísica, psicologia, representação histórica e, sobretudo, a moral, carregam a sua assinatura. Na medida em que o homem pensou, ele infectou as coisas com vingança.

Com isso, ele tornou até mesmo Deus doente e privou a existência em geral de sua inocência: ou seja, atribuindo todo tipo de ser à vontade, às intenções e aos atos pelos quais alguém deva ser responsabilizado. Toda a doutrina da vontade, a falsificação mais desastrosa da psicologia até então, foi inventada essencialmente com o objetivo de vingança. Foi a utilidade social da punição que emprestou a esse conceito sua dignidade, seu poder, sua “verdade”.

Os autores dessa antiga psicologia – a psicologia da vontade – devem ser procurados nas classes que detinham o direito de punir, entre os padres à frente das mais antigas instituições políticas em primeiro lugar; eles queriam criar para si mesmos o direito de se vingar – ou queriam criar para Deus tal direito.

Para esse fim, o homem era considerado “livre”; para esse fim, toda ação tinha que ser considerada voluntária, e a origem de toda ação deveria ser considerada como estando dentro da consciência. Somente nessas proposições é preservada a velha psicologia.

Hoje, quando a Europa parece estar se movendo na direção oposta; quando nós, alciônicos, em particular, estamos lutando com todas as nossas forças para retirar, remover, eliminar os conceitos de culpa e punição; quando nossos esforços mais sérios são direcionados para a limpeza dessa sujeira da psicologia, moral, história, natureza, instituições e sanções sociais, e até mesmo Deus – quem deve ser considerado como nossos antagonistas mais naturais? Exatamente aqueles apóstolos da vingança e do ressentimento, aqueles pessimistas da indignação *par excellence* que assumem a missão de

santificar sua imundície sob o nome de “indignação”.

O resto de nós que deseja que o mundo do devir recupere sua inocência iria preferir ser o missionário de uma noção mais pura: que ninguém deu ao homem suas qualidades – nem Deus, nem a sociedade, nem seus pais e antepassados, nem ele mesmo – que ninguém é o culpado por ele ser como é.

Não existe um ser que possa ser responsabilizado pelo fato de alguém existir, de alguém ser de um modo particular, de alguém nascer em tais circunstâncias e em certo ambiente.

É um grande alívio que não exista esse ser. Não somos o resultado de algum desígnio eterno, de uma vontade, de um desejo; não somos parte de alguma tentativa de alcançar um “ideal de perfeição”, um “ideal de felicidade” ou um “ideal de virtude” – nem somos um erro da parte de Deus, cuja contemplação inspiraria ansiedade até mesmo nele próprio (um pensamento com o qual se sabe que o Antigo Testamento começa).

Não há lugar, propósito ou significado para o qual possamos atribuir a responsabilidade por nossa existência ou pelo modo de nossa existência. Acima de tudo, ninguém está em posição de fazer isso: é impossível julgar, medir, comparar ou até negar o todo! Por que não? Por cinco razões, todas acessíveis até para aqueles de inteligência modesta: por exemplo, porque não há nada fora do todo. E, repito, é um grande alívio, pois aí reside a inocência de toda existência.

Canaille – Do francês, canalha.

Homero (circa 928 a.C – 898 a.C., Grécia Antiga) – Poeta, autor dos épicos *Ilíada* e *Odisseia*.

Par excellence – Do francês, por excelência.

Alcionismo – Relativo a Alcíone, figura da mitologia grega. Devido sua história, o termo alcionismo tem como concepção uma calma feliz.



## 40. Individualismo, socialismo e anarquismo

A Vontade de Poder

*Der Wille zur Macht*

1906

### Livro III. Princípio de uma nova determinação de valores

#### Capítulo 3. A vontade de poder como sociedade e indivíduo

O individualismo é uma forma modesta e ainda inconsciente da “vontade de poder”; aqui parece suficiente ao indivíduo libertar-se das forças superiores da sociedade (sejam elas do Estado ou da Igreja). Ele não se coloca em oposição como pessoa, mas apenas como indivíduo; ele defende todos os indivíduos contra o coletivo. Em outras palavras, ele se considera instintivamente igual a qualquer indivíduo; tudo o que ele combate, não combate para si mesmo como pessoa, mas como um indivíduo contra um coletivo.

O **socialismo** é apenas um meio de agitação do individualismo: o **socialista** compreende o fato de que, para conseguir algo, é preciso organizar-se, tomar ações coletivas e tornar-se um “poder”. Mas o que o **socialista** deseja não é que o indivíduo sacrifique-se à sociedade como um fim em si mesmo, mas que a sociedade sirva como um meio para permitir que muitos indivíduos busquem seus próprios fins. Essa é a tendência do instinto dos **socialistas**, sobre o qual **eles** frequentemente se equivocam (deixando de lado o fato de que, para prevalecer, **eles** devem enganar frequentemente). A pregação moral altruísta a serviço do egoísmo individual é uma das formas mais comuns de hipocrisia no século XIX.

O anarquismo, por sua vez, também é apenas um meio de agitação empregado pelo **socialismo**; com ele o **socialista** inspira o medo, com medo **ele** começa a fascinar e a aterrorizar; acima de tudo, **ele** atrai os corajosos e ousados para o seu lado, mesmo aqueles que ainda são apenas em seu espírito.

Mas, apesar de tudo, o individualismo é o estágio mais modesto da vontade de poder. Mesmo quando se atinge um certo grau de independência, deseja-se sempre mais: uma diferenciação emerge de acordo com o grau de força; o

indivíduo não se considera mais igual; ao contrário, ele vai atrás de seus iguais – ele distingue os outros de si. O individualismo é seguido pela formação dos membros e órgãos: tendências relacionadas consolidam-se e tornam-se ativas como poderes; e entre esses centros de poder, surgem atrito, guerra, conhecimento mútuo das forças, contrapeso, aproximação e estabelecimento de reciprocidade. No final, uma hierarquia é estabelecida.

Recapitulando,

(1) Os indivíduos emancipam-se.

(2) Eles entram em conflito e concordam com “igualdade de direitos” (justiça) como meta.

(3) Uma vez atingida, as desigualdades reais de força começam a produzir um efeito ampliado (porque a paz reina em sua maior parte, e muitas pequenas quantidades de força discernem diferenças que no passado eram quase nulas). Agora, os indivíduos organizam-se em grupos; esses grupos então lutam por privilégios e predominância. O conflito enfurece-se novamente, embora de forma mais branda.

Desejamos liberdade apenas quando não temos poder. Quando alcançamos o poder, desejamos supremacia; se não a conquistamos (se ainda somos muito fracos para isso), desejamos “justiça”, ou seja, poder igual.

## 41. Visão geral do futuro europeu

**A Vontade de Poder**

***Der Wille zur Macht***

**1906**

**Livro IV. Disciplina e seleção**

**Capítulo 1. Hierarquia; os fortes e os fracos**

Ele é a besta de carga mais inteligente, muito trabalhador, no fundo modesto, curioso em excesso, complexo, mimado, fraco de vontade, um verdadeiro caos de paixões e inteligências cosmopolitas. Como poderia surgir um tipo mais forte de homem a partir desse caos? Um que tivesse um gosto clássico? O gosto clássico consiste na vontade de simplificação e fortalecimento, tornar visível a felicidade, ser formidável e a coragem de estar psicologicamente nu (a simplificação é a consequência da vontade de fortalecimento; permitir que a felicidade torne-se visível, assim como a nudez psicológica, é consequência da vontade de ser formidável).

Para lutar para sair desse caos, para alcançar essa forma específica – isso requer uma certa urgência; um homem não tem escolha senão prevalecer ou perecer. Um povo dominador só pode surgir de origens terríveis e violentas. Problema: onde estão os bárbaros do século XX? Obviamente, eles aparecerão e se consolidarão somente após tremendas crises **socialistas** – eles consistirão daqueles elementos que são capazes da mais severa autodisciplina e podem garantir a vontade mais duradoura.

## 42. Uma imagem mais verdadeira do “homem”

A Vontade de Poder  
*Der Wille zur Macht*  
1906

### Livro IV. Disciplina e Seleção Capítulo 5. Dionísio

No lugar do “homem natural” de Rousseau, descobrimos no século XIX uma imagem muito mais verdadeira do “homem” – tivemos a coragem para tanto. No geral, o conceito cristão de “homem” foi assim restabelecido. O que não tivemos coragem de fazer foi aprovar esse “homem em si” e ver nele a garantia do futuro do homem.

Da mesma forma, recusamo-nos a ver que o desenvolvimento do caráter terrível do homem é concomitante ao desenvolvimento da cultura; a esse respeito, ainda somos subservientes ao ideal cristão e o apoiamos contra o paganismo, bem como contra o conceito renascentista da *virtù*.

Mas essa não é a chave da cultura; e, *in praxi*, persistem falsificações históricas que redundam em benefício do “homem bom” (como se ele representasse o progresso humano), assim como o ideal **socialista** (ou seja, o resíduo do cristianismo e de Rousseau no mundo descristianizado).

Temos lutado contra a influência do século XVIII; foram Goethe e Napoleão que superaram mais do que qualquer outro. Até Schopenhauer lutou contra isso, mas viu-se involuntariamente retornando ao século XVII – ele é um Pascal moderno, com juízos de valor pascalianos sem o cristianismo... Schopenhauer não foi forte o suficiente para um novo sim.

Com Napoleão, começamos a compreender que o homem superior e o terrível formam uma unidade necessária. O “masculino” é restaurado; a mulher mais uma vez recebe seu tributo de desprezo e medo. A “totalidade” como saúde e suprema atividade; a linha reta, o grande estilo de ação redescoberto; o instinto mais poderoso da própria vida, a ambição, é afirmado.

Napoleão Bonaparte (Ajaccio, 1769 – Santa Helena, 1821) – Estadista francês.

## 43. Meus cinco “nãos”

A Vontade de Poder  
*Der Wille zur Macht*  
1906

### Livro IV. Disciplina e Seleção Capítulo 5. Dionísio

(1) Minha luta contra o sentimento de culpa e a introdução do conceito de punição no mundo físico e metafísico, assim como na psicologia e na interpretação da história. A compreensão da maneira pela qual toda filosofia e juízo de valor até agora trouxeram moralização.

(2) Meu reconhecimento e destaque do ideal tradicional, do ideal cristão, mesmo onde a forma dogmática do cristianismo o tenha arruinado. O perigo do ideal cristão está no sentimento de valores, no que se pode dispensar de expressão conceitual; minha luta contra o cristianismo latente (por exemplo, na música, no **socialismo**).

(3) Minha luta contra o século XVIII (como encarnado em Rousseau), contra sua “natureza”, seu “homem bom”, sua crença no reino do sentimento – contra o amolecimento, o enfraquecimento e a moralização do homem; um ideal nascido do ódio contra a cultura aristocrática, que, *in praxi*, é o reino do ressentimento desenfreado, conceito idealizado como padrão para se unir em uma luta contra os melhores – a moral cristã da culpa; a moral do ressentimento (uma atitude da plebe).

(4) Minha luta contra o romantismo, no qual os ideais do cristianismo e de Rousseau são combinados, mas que possui ao mesmo tempo um anseio pelos tempos antigos da cultura sacerdotal e aristocrática, pela *virtù*, pelo “homem forte” – algo totalmente híbrido, a noção de uma humanidade mais forte que é, em última análise, falsa, uma imitação; o romantismo, que detém alta estima por condições extremas em geral e vê nelas um sintoma de força (o “culto da paixão”) – o desejo de homens fortes, condições extremas – uma imitação das formas mais expressivas, um *furore expressivo*, nascida não da plenitude, mas da falta dela – entre os poetas, Stifter e G. Keller, por exemplo, dão sinais de mais força e bem-estar interior, como... – A grande

técnica e inventividade, as ciências da natureza, a história (?): produtos relativos da força, da confiança em si do século XIX.

(5) Minha luta contra a ascensão dos instintos de rebanho agora que a ciência fez uma causa em comum com eles; contra o ódio com o qual todo tipo de hierarquia e distância são tratados.

Virtù – Do italiano, virtude. Um conceito central de Maquiavel em O Príncipe.

Furore Expressivo – Do italiano, furor expressivo.

Adalbert Stifter (Horní Planá, 1805 – Linz, 1868) – Escritor. Principais obras: Bergkristall, Der Nachsommer e Witiko.

Gottfried Keller (Zurique, 1819 – Zurique, 1890) – Escritor. Principal obra: Der grüne Heinrich.